



RB 198788



Presented to the
LIBRARY of the
UNIVERSITY OF TORONTO
by
Professor
Ralph G. Stanton

Z4787



AGOSTINHEIDA.

AGOSTINHEIDA,

POEMA HEROI-CÓMICO,

EM 9 CANTOS.



Dissimulare etiam sperasti, perfide, tantum
Posse nefas?.....

Virg. En. L. 4º.

Alho. Loure

LONDRES:

IMPRESSO POR W. FLINT, OLD BAILEY.

1817.

ASSIM como déve guardar-se, para exemplo, a memória dos Homens extraordinarios por suas virtudes, deve tambem perpetuar-se, para horror, a lembrança dos Homens extraordinariamente criminosos. *Joze Agostinho de Macedo*, sobre ser hum perverso, reconhecido por tal, he hum tenacissimo folheador de livros, e rabiscador de papel, sem sufficiente básie de saõs principios, e sem aquelle juizo discernidor, que immediatamente attinge o mau, o bom, e o melhor: nóta-se por isso em todos seus escriptos, a incorrecção, impureza, e impropriedade de estylo ; a deslocação, e confusão de ideas ; e a superficialidade do saber, por matérias tocadas de revéz, ou apenas, tocadas,

quando deveria profundallas; como por citações falsas, amiudados, e mal cirzidos plagiatos, erros palmares, &c. &c. em summa os seus escriptos recommendão o desprezo de seu Auctor, e o seu orgulho he ainda maior do que a sua charlataneria!

Ora tudo isto o fazia acrédor de huma desdenhosa indifferença, e bem éra o que eu lhe dava: mas, depois de ver *I. A. de Macedo* (especialmente no *Motim Literario*, ou *Solilóquios*) abocanhar todos os grandes Homens com todo o fel do Cynismo, e da ignorancia presumpçosa, vendo publico hum seu Poema recheado de todos os defeitos que podiaõ esperar-se de tal Escriptor, e sobre o assumpto tratado pelo divino Camões, que pertende des-acreditar; quem seria taõ insensivel que visse com indifferença o maligno Poetastro altamente apadrinhado!.... Era bem natural que este escandalo produzisse a indignação, e eis o que deo origem á composição do presente Poema: porem, des-affogado o primeiro impeto, guardei por muito tempo o manuscripto; larguei-o finalmente a rogos, e copiaraõ-mo; recolhi-o por

isso, e fechei-o: senão quando provóca-me de novo a pertinaz insolencia de *I. A.* que re-imprimio o seu *Poema Gama* de baixo do titulo de *Oriente*, com hum discurso preliminar, que he outra virulenta Catilinária contra Camões! Tórno pois a abrir a minha gaveta; e deixo que, com algumas innovações, se lêa outra-vez o meu Poema, cujo Heróe arrevezado he *I. A.* de *Macedo*, e cuja acção he a publicação do seu *Poema Gama*: ponha-se o ferrête no Réo, ja que he incorrigivel, e não se diga estarem os costumes, e a Literatura Portugueza em tal decadencia, e depravamento, que he *I. A.* bem querido, e acreditado por seu Coripheo.

Quanto ao que de sua vida (por vóz da Fama) reláto no corpo do Poema, huma vez por todas fique dicto, que (exceptuando os adornos Poéticos, fáceis de conhecer) he tudo verdade, e ainda não digo tudo: talvez deveria ajuntar-lhe mais copiósas Notas, porem ellas são sempre fastidiosas para quem as escreve, e he de recear que o sejaõ para quem as lê; contentei-me por isso com as que julguei de absoluta necessidade, &c.

AGOSTINHEIDA.

CANTO Iº.

EU, que, nos sons de Clio, ou nos de Eutérpe,
Ou já nos de Melpómene, cantava
Prazeres, e paixões, virtude, e gloria ;
Agora, zombeteiro flauteando,

Canto o *Camões da Rua da Bombarda**
Que, d'Epico furor doudo varrido,
Póz do Velho Camões a calva á-mostra,†
Expondo aos Mares novamente o Gama.

Deste furor as cauzas me revéla
O' Deosa, ó Nynfa, ó Musa galhofeira ;

* Sitio aonde móra *Joze Agostinho de Macedo*.

† Hé a propria phrase de que usa *J. A.* em seus *Solilóquios*, ou, melhor disseramos, *Stultilóquios*.

A' bre-me os Cofres teus, e entorna a-froxo
 Aureas facécias que com maõ profúsa
 Soltaste outr'ora no Lutrin, no Hyssópe.

Vós que folgais de ouvir bem celebrados
 Em fúlgida dicção Heróes sublimes,
 Ou acoçados com feliz sarcásmo
 Os avessos Heróes, vaidósos nescios ;
 A meus Versos prestai attento ouvido,
 E lédos ouvireis donósas prendas
 Do Heróe-Caturra que em folgaã poesia
 Farei crédor d' eterna surriada.

Era no tempo quando em óbra accèsas
 As túrmas Bacchanáes se lisongeaõ
 Com a nudèz das cêpas, e rangiã
 A pérra vára do lagar cheiròso ;
 Entrava em Libra o Sol, correndo o anno
 Dezoito vezes cento, e ja mais onze :
 Entaõ (segundo crê o Vulgo errado)
 Tristissimo preságio de ruínas
 Hum hórrido Cometa fulgurante,
 A Lusa atmosphéra incendiando
 Pelos Ceos estendeo disforme cáuda ;

E entaõ (conforme os Doutos tem julgado)
 Inéptissima cáfila de asneiras,
 Mais hórrido Cometa, o *Livro Gama*,
 O Parnasso, e Lisbôa enfastiando,
 Foi nas mãos do Corcunda expôsto á venda :*
 O *Gama*, indigestissimo Poema
 Que indignaçãõ, e riso a hum tempo excita ;
 Pois tres R R R. levou do Pai das Musas,
 E tem tres A A A. de hum Sabichaõ, de hum
 Lente !

Assim, na mesma tarde, hum Estudante,
 Por naõ encarrilhar com som cantante
 O nescio ram-me-ram da párvoa Eschóla,
 Depois de ser com bôlos derreádo,
 Se fino adulator lhe busca as baldas,
 Apanha alguns perdões do chòcho Mestre ;
 Ou tal, da picaria flagellado
 Hum Potro rebellaõ, inda escorrendo

* Hé verdade sabida o haver pelo mesmo tempo apparecido o Cometa Natural, e o *Cometa Métrico*, ou *Poema Gama* de J. A. de Macedo, cujo Editor foi Desidério Marques Leaõ, Homúnculo Corcunda, com Loja de Livros no Largo do Calhariz.

Té-baixo aos curvilhões em branca espúma,
 He na cavalhariça regalado
 Pelo Moço boçal, que o arraçoa
 Affagando-o c'o a mão na táboa, e testa.

Mas, vendo ferózmente atassalhado
 Por néscio Zoilo o Lusitano Homero,
 A Razaõ, e o Bom-Gosto (estimulados
 De que ao Cynismo a Prepotencia unída
 Lhes tolhesse justissima vingança)
 Chamando em seu auxilio a Liberdade,
 Todos tres de-maõ-dada se traváraõ
 Das álvias plúmas immortaes da Fama,
 E todos juntos a-huma-vóz clamáraõ :

“ Tu que com ázas cento o espaço abranges,
 “ Com cem ouvidos quanto passa escútas,
 “ E por cem ólhos vês, cem bôccas fallas,
 “ (Sem que nunca o cansaço te quebrante
 “ Sem que nunca a molleza te domine,
 “ Nem languido Morpheo teus membros toque)*

* Cui quot sunt corpore plumæ
 Tot vigiles oculi subter.....
 Tot linguæ, totidem ora sonant, tot surrigit aures,
Nec dulci declinat lumina somno. *Virg. En. L. 4º.*

- “ Dize, ó Diva, com que arte escandalósa
 “ *O Zoilo de Camões* tem conseguido
 “ Morder, e enxovalhar no Prélo o Mundo,
 “ Sem que lhe póssa alguém mostrar no Prélo
 “ Suas inépcias, e a ignorancia sua :
 “ Dize quem he por indole, e linhagem
 “ Aquelle que escreveu os Solilóquios,*
 “ E deitou a perder de Horacio as odes ;†
 “ Aquelle Escrevedor *Petrus in cunctis*
 “ Que de *Zaïda* a trágica salsada ‡

* *Solilóquios*, ou *Motim Literario*, apontoádo de malédicos destempêros, em que Voltaire he tratado por, Charlataõ de Freney; e assim muitos outros homens reconhecidamente illustres por seu saber.

† Deitou-as a perder em huma pessima Traducção com huma Prefaçã insolentissima; porem tal corrimãça lhe deraõ que tirou da Imprensa o 2º. Tomo das Epistolas, e Sátyras: esta Traducção foi a primeira Obra com que J. A. aspirou á celebridade, e a geral desapprovaçaõ lhe provocou a raiva que tem babado em huma alluviaõ de Folhetos ineptos.

‡ A Tragedia *Zaïda* fez-se especialmente Notavel por huma longuissima, e renhidissima scena entre hum Mágico e hum Spéctro: J. A. que provavelmente se arripou com a scena excelente da *Semiramis* de Voltaire, quando surge a *Sombra* de Nino

“ Alinhavou, e a cómica *Clotilde* ;*
 “ Aquelle...em fim, *Elmiro*, o *Auctor do Gama* :
 “ Dize quando, e por quê, e o modo como,
 “ Que Génio máo, das *Musas* inimigo,
 “ Ou que *Fúria* o tentou com tal Poema ;
 “ Quem lhe deô tanto orgúlho, e quem lho affaga ;
 “ Porque tem cabimento este Homem-Monstro,
 “ Que trovêja impropérios, e invectivas,
 “ E, havendo inçado a Capital de crimes,
 “ Capital protecção se lhe facúlta.”

Aqui a Deosa, Mãy das novidades,
 Como quem do que ouvio se des-contenta,
 As infladas bochèchas assoprando,

presumio imitalla ; porem, como absolutamente carêce daquelle
 gosto delicado que requêrem as boas Artes, e com especialidade
 a Poesia, sem conhecer que a rapidèz da apparição, e do ameaço
 contribuiu admiravelmente para o bom effeito desta Scena, metteo
 em discussão o Mágico com o Spectro, e com tanta impertinencia
 que todos se riraõ da Tragedia, e inda mais de sen Auctor.

* *Clotilde* foi huma Comedia cujo assumpto J. A. extrahio dos
 Fastos de Aragaõ, e que recheou de muitos, e indignissimos
Solilóquios, quebrando todas as regras do decóro, e da veri-
 similhança.

Dá hum surdo gemido, e assim responde :

“ O’ Cópia augusta, por quem mais me aprázo
 “ De empregar amplamente as vozes minhas,
 “ Neste século infausto, e sanguinòso,
 “ Taõ negramente de prodigios fertil,
 “ As minhas boccas cento apenas podem
 “ Narrar os feitos que convem sabidos ;
 “ E contar largamente os criminòsos
 “ Segrèdos, e mysterios quasi incriveis
 “ Da vida atròz, dos péssimos costúmes,
 “ Da ignorancia, ousadia, e fatuidade
 “ D’esse Homem Monstro que injurîa os Homens,
 “ *Naõ menos he trabalho que grande erro,†
 “ *Ainda que tivesse a voz de ferro :
 “ *E para dizer tudo, temo, e creio
 “ *Que qualquer longo tempo curto seja ;
 “ *Mas, pois o mandas, tudo se te déve,
 “ *Hirei contra o que devo, e serei breve.”‡
 *Promptos estávaõ todos escutando

† Camões, Lusiada, Canto 5º. Estancia 16ª.

‡ Cam. Lus. C. 3º. Est. 4ª.

*O que a palreira Deosa contaria ; †
 Quando (bem como hum Barco em maré frêscã
 Que das vélas só huma des-envérge
 Dos ventos á feiçaõ) fechando, cála
 Ametade das bôccas com que falla
 Votadas à Mentira ; ábre espaçósas
 As outras cincoenta ; e, a voz alçando,
 Comêça a propalar duras verdades,
 Que, pela minha Musa repetidas,
 No armazem opulento da Memoria
 Guardei cuidóso, para expòr jucundo
 Materia vasta de que ria o Mundo.

Na famósa Cidade, em outras Eras
 Dos Romanos *Pax-Julia* nomeada,
 Onde, d'illustres Pays, Engenho illustre
 Nasceo, para ganhar hum nome eterno,
 O Escriptor Portuguez Freire de Andrade ;
 De Pasteleiro Pai, se a Mãy não mente, ‡

† Imitaçã de Cam. na Est. 3^a. do 3^o. C. da Lus.

‡ Gregorio de Macedo, que se disse Pay de J. A. éra hum máo Pasteleiro em Beja.

O Poeta-Orador, o Ex-Frade Elmiro
 Nas ilhargas de Angélica gerado,†
 Couceou burrivelmente alli hum anno
 Nutrido a restos de pastel sedigo ;
 Tinha perfeito o Sol no ethéreo curso
 Cem vezes dezesete inteiros gyros
 *Com mais cincoenta e nove em que corria;‡
 Quando este avesso Heróe, grunhindo, os olhos
 Infaustamente abriu á luz primeira ;
 E, apenas pelos ares tenebrósos
 (Que na quelle momento ennegrecêraõ)
 Na vóz da Infamia re-soou medõho
 O agouro de seu tórpe nascimento,
 Mais ligeira do que huma ventoinha
 A céga Deosa que govérna em Ancio,
 A's mãos ambas filando-se no engenho,
 Pegou a des-andar na léve róda
 D'onde aos dúbios Mortaes á-tòa espalha
 O gosto, e o des-prazer, os bens, e os males ;

† Angelica Rosa teve por nome a May de J. A.

‡ Imitaçã de Cam, na Est. 2ª. do 5º. C. da Lus.

E, depois de já muito esbaforida
 De dar de engonço á rápida munhéca,
 Exclamou “ Tu, que vens sem meu auspicio
 “ Tentar da vida os ásperos caminhos,
 “ Andarás de cu-ròto, e pé-descalço
 “ Gandayando em sonóras enchorradas ;
 “ Apóstata serás, e hirás fugido
 “ Tocar os Burros na ronceira estrada ;
 “ Em tudo fallarás, sabendo nada ;
 “ Como hum Caõ ladrarás a todo o Mundo,
 “ E de Ti dirá mal o Mundo todo ;
 “ Da Moral, da Razaõ, e do Bom-Gosto
 “ Viverás sempre alheio, e desviado
 “ De tudo o que se chamaõ bons caminhos,
 “ Ou, se algum por accaso enfiar quizéres,
 “ Dest’arte sempre me acharás virada.”

Disse: e a róda fatal, que o Mundo azoina,
 Com o ímpeto do impulso recebido
 Inda rangia, volteando no eixo ;
 Eis de cabeça-cháta, e longos córnos,
 Lívido o rosto, e os olhos encovados,
 Negra—espaçosa—bocca—desdentada,

Com lingua venenósa, angui-farpada,
 Deforme—corpo—esguio, e derrengado,
 Unha adunca nas mãos, e únha na palma,
 De Cabra os pés, de Noitibó as azas
 Hum Genio á Deosa se appresenta, e diz-lhe:

“ O’ Deosa, sem a qual tudo hé lamúria,
 “ Consente que eu, os córnos abaixando,
 “ Te inquiera se ao Mortal recém-nascido
 “ O teu favor, ou des-favor resguardas?”

Mal proferio as ultimas palavras

E a Deosa, des-cahindo a sobrelleira,

*A bocca, e os cegos ólhos retorcendo

*E dando hum espantoso, e grande brado,

*Lhe respondeo com vos pezada, e amára,

*Como quem da pergunta lhe pezára :†

“ Sabida cousa hé que eu não protejo

“ Quem não sabe dobrar-se aos meus caprichos,

“ E sempre o meu favor he denegado

“ A quem sem meu Auspicio, e meu acêno

“ Ousa entrar no Mundano-labyrintho :

† Cam. Lus. C. 5º. Est. 49ª.

“ Mas quem hes Tu? Porque razaõ me inquires?

“ O Desaforo eu sou (Ihe torna o Genio)

“ Que por decreto do immutavel Fado,

“ Em lugar de Lucina, hei presidido

“ Ao natal do Pequeno Pasteleiro ;

“ E, assim que elle nas garras da Parteira

“ Deo, ferido da luz, e do ar mais frio,

“ Os primeiros dois bérros, que voáraõ

“ Pelas fendas do tecto arruinado

“ A quebrar-se na abóbada do Mundo,

“ Disse-me o Fado entaõ :”——Essa Lesminha,

Que assim pelo abrutado, e monstruõso

Parece parto de Urso, ha de por tempos

Ser hum dos teus Alúmnos mais pasmõsos ;

Terá hum taõ sem-par descaramento

Que a todos ganhará por descarado ;

De forma que, sendo elle no juiso

Taõ bom como na cára foi Thersites,

Naõ haverá ninguem mais orgulhõso,

De tanta presumpçaõ, e atrevimento,

*Posto que em todo o Mundo, de affrontados,

*Resuscitassem todos os passados !§
 Ha-de tudo approvar que os mais condemnaõ,
 Tudo ha-de condemnar que os mais appróvaõ ;
 Nem Homem haverá, nem Obra boa
 Que elle não envenéne, ou que não rôa !
 Detrahindo Vieira, ha de rouballo ;†
 Deturpando Camões, ha de seguillo, ‡
 Bem que nas suas mingoádas phrases
 Ridículo se torne, ou des-airòso
 O que he bello em Camões, ou magestòso ;
 E, para coroár seus devaneios,
 Em regrinhas mais curtas, e mais longas,
 De longo destempero recheadas,
 Comporá huma cousa que, de alcunha,

§ Cam. Lus. C. 2º. Est. 55ª.

† Vejaõ-se os Sermões (alias Pasteis Oratórios) de J. A. e achar-se-lhe-haõ largos roubos ao nosso doutissimo Orador Antonio Vieira: vejaõ-se os seus *Solilóquios*, e notar-se-lhe-haõ mil grosseiros insultos ao mesmo Vieira.

‡ Hé impossivel dizer mais disparates do que J. A. em descrédito de Camões; mas he tambem impossivel que alguem compuzesse hum Poèma sobre o mesmo assumpto, e que mais, e taõ infelizmente lhe seguisse a pista.

Ha de chamar Poêma, presumindo
 Emendar o Camões com maõ de Mestre :
 Em-fim, ésta Lesminha-Pasteleira
 Será da fatuidade o *Non plus ultra*,
 Consumado prodigio da maldade,
 E da pouca-vergonha o *Totum continens* ;
 Tu serás seu Mentor, e seu modèlo
 De pensamentos, de palavras, e obras,
 Em quanto, para azoino dos pexótes,
 No rol dos vivos negrejar seu nome.—
 Dest'arte o Fado se me abrio : ó Deosa,
 E eu, que ante-vejo a núvem de sarcasmos
 Que coméça a engrossar sobre a cabeça
 “ Do meu novo Educando ; eu, que ante-vejo
 “ O ódio, e desprèzo com que a Gente-bòa
 “ O tem de contemplar, arreceando
 “ Vello em tanta tormenta soçobrado
 “ Rógo os teus dons, o teu auxilio implóro :
 “ Protége o meu Alumno, e eu te prometto
 “ Que, por minhas lições, elle se dóbre
 “ Volúbil como o vento, ou como as ágoas
 “ Prompto sempre a servir os teus caprichos.”

Como quem de huma grave Personagem
 Ouvio proposiçaõ que não lhe agráda,
 Mas por força do empenho al-fim se move,
 E, alevantando a vista mal-segura,
 Annúe, rompendo a vós c'hum falso riso ;
 *Assim, depois de hum pouco estar cuidando,†
 Prosegue a Deosa que faz tudo á-tòa :
 “ Esse abjecto Mortal por quem me imploras
 “ De toda a protecçaõ se faz indigno ;
 “ Mas, pois que tanta vez tem visto o Mundo
 “ Alliada a Fortuna ao Desafôro,
 “ Desta alliança os láços se forcem,
 “ E appresente-se ás barbas de Lisbòa
 “ Hum Phantasma de Sabio, hum Nescio, hum
 Zoilo,
 “ E este seja o *Macedo—Espinha—Filho*,‡
 “ (Algum dia será *Padre—Lagosta*)§

† Cam. Lus. C. 3º. Est. 3ª.

‡ O dito Pai de J. A. teve de alcunha *O Espinha*.

§ Não he alvitre meu, assim chamaõ a J. A. por allusaõ ás suas
 alentadas, e vermelhissimas bochèchas.

“ Literario Quixote com seu Sancho,†
 “ Dizendo, e des-dizendo, e profanando
 “ Leys da Razaõ, e mimos do Bom-Gosto ;
 “ Sem que a nenhum vivente se permitta
 “ Combater seus delirios, desfazendo
 “ As trevas da Ignorancia, e alimpando
 “ Das nódoas do Cynismo as Bellas-Letras.”

Mal que isto ouvio, babando-se de gaudio,
 Deo tres voltas no ar o Desaforo,

*Regamboleando a fofa, ai tôna ! ai tôna ! †

E, serenádo o infame regozîjo,

Mais lhe interroga a variavel Deosa :

Sabes Tu quanto cumpre ao teu Alumno

“ Por que possa alcançar táes privilégios ?

“ Optimamente (tórna o Desaforo,

“ Mui cortêz inclinando a córnea fronte)

“ Necessita empregar juntas, e sempre

† J. J. P. Lopes (actual Redactor da *mdgra Gazeta de Lisboa*)
 faz para com J. A. em Literatura as vezes de Sancho Pansa com
 D. Quixote Cavalleirescamente, sendo huns pela penna, o que
 foraõ os outros pela espada.

† Filinto Elysio, Tom. 5º.

“ Adulação, Maledicencia, Intriga,
 “ Audácia, Presumpção, Perfidia, Inveja
 “ Com toda a Estygia còpia, e ter a lingua
 “ Mais devassa do que huma taramella ;
 “ Por que o muito fallar engóda o Vulgo,
 “ E só por fallar muito os nescios cámpaõ :
 “ Porem, como éstas Donás que refiro,
 “ E as outras, que, do Inferno desertoras,
 “ Andaõ sempre na Côrte em valimento,
 “ Ou saõ minhas Irmans, ou Sócias minhas,
 “ Eu as farei chegar para o Pequeno,”
 E, com todo o seu prestimo, servillo..

Eia pois, Desaforo, mãos á obra :

(Instou a Deosa d’olhos de Toupeira)

“ Ha certos contra-tempos a que eu julgo
 “ Não poder esquivar o teu Alumno ;
 “ Por exemplo, aos labéos que imprime a Fama
 “ Naquelles que entre os Vicios professáraõ,
 “ E aos apódos, apúpos, e motejos
 “ Que re-vôaõ contínuos na bochecha
 “ De hum pedante Orador, de hum máo Poeta,
 “ Ou de hum Auctor ignáro, e presumido :

“ Mas que isto assim succeda importa pouco,
“ Pois, seguindo elle á-risca os teus dictames,
“ Eu te affianço que terás de vêllo,
“ Já por déz lustros enrugado, e russo,
“ Sob os auspícios de hum chapado Lente,
“ Inda accèso a compôr de várias castas,
“ Por falta de Sermões, nescios Folhetos.”

Dicto isto, o Desaforo, arreganhado
Com jubilòso riso, encrúza os braços
A' Mourisca maneira; inclina os cornos,
Que quasi hiaõ abrindo á Deosa os ólhos;
E, o calcanhar caprino aligeirando,
Rápidamente deo a volta, e foi-se.

FIM DO 1º CANTO.

CANTO IIº.



Pouco-a-pouco do cume das montanhas
 Vinhaõ cahindo mansamente as sombras,*
 Quando, da cega Deosa despedido,
 Calcurreou folgáz o Desafòro
 A dar por óbra a meditada empreza.

Angélica no-em-tanto espartejada
 Continuáva as lidas-pasteleiras;
 E para accommodar o Pastel-vivo,
 O fadado Filhinho resingueiro,
 Que todo se torcia, e que entoáva
 Hum desatinadissimo berreiro,
 De huma nesga da fralda, e de hum barbante
 Fez hum atado da feição de rôlha,
 E, de óvos, e de assucar recheado,

* Majores que cadunt altis de montibus umbrae.

Virg. Ecl. 1º.

Encaixou-lho na bocca : dando hum guincho
 Muito repinicado, e sonoroso
 O Rapáz, mais ligeiro que hum cabrito
 Abana o rábo quando chupa a teta,
 E repéte berrando as focinhadas,
 Aggarou-se na rôlha co' as mãos ambas,
 E, ja mais manso, ensarilhando as pernas,
 Resfolgou fadigoso, resmungando
 A chuchurrubiar na teta falsa :
 Então a Mãy, sorrindo-se de gosto,
 Deo-lhe hum beijinho, ergueo-se, e muito lésta,
 A-tráz traçando a sáia, arregaçou-se,
 E preparou com todo o primor d'arte
 Hum lombo de Carneiro em vinha d'alhos :
 O Mestre (e feliz Pay, se fez tal Filho!)
 O *Espinha*, por seus môlhos memorando,
 Andava azafamado requentando
 Huns Arenques, que tinhaõ sobejado
 Da véspera ao jantar ; e, como a Noite
 Ja neste tempo, abrindo as fuscas ázas,
 Vinha espalhando hum doce des-alento
 Mensageiro do somno, que restaura

As forças lassas da diúrna lida,
Angélica, dando ais de fatigada,
 Foi sentar-se co' a Lesma aopé do forno,
 Aonde então o pinho resinôso,
 Em roxas labaredas ondeando,
 D'espaco-a-espaco fúlgido estalava :

“ Dame cá o pequeno taboleiro

“ (Disse para o Marido) onde costúmas

“ Mandar jantáres para os teus Fréguezes ;

“ O nosso Filho he muito máo, não pára,

“ Tem-me quebrado os braços ; se não dorme

“ Não sei como ha-de ser, tenho a cabeça

“ Quasi-quasi esvaída, estou mui fraca ;

“ Vamos vêr se adormece deitadinho

“ Dentro do taboleiro, pois não temos

“ Hum berço, e tens com óvos a canastra !”

Disse : e, envolvendo-o n'hum farrapo antigo

Resto saudoso, sórdido fragmento

De huma saia de chança-domingueira,

Estófa o taboleiro com rodilhas,

E appresenta-lhe a quelle ricco prato

Que tinha de sahir taõ boâ prêa !

Depois no cotovêlo recostada,
 As estiradas tetas repuxando,
 Amamenta o Heróe, e a pouco-a-pouco,
 Fechando os ólhos, languida adormece.

Como, se em meio gyro a Noite vôa,
 E ouve balir as pávidas Ovelhas,
 De feróz alegria assalteádo
 Enróla a cauda na carreira hum Lobo,
 E em-redór do curral vai, vem, e torna
 Por a qui, por alli buscando, e vendo
 Por onde, naõ cuidado, salte, e emprêgue
 Em pingue Rêz o dente sanguinòso ;
 Tal, ouvindo a chorósa molliana
 De seu prezado Alumno *o-tenro-Espinha*,
 Andava o Desaforo affogueado
 No empenho de influir-lhe a propria astúcia ;
 E, por naõ perder tempo, foi-se aos Paços
 Onde suas Irmans, e sócias suas
 Adulaçaõ, Maledicencia, Intriga,
 Audácia, Presumpçaõ, Perfídia, Inveja
 Com as outras Estyguas companheiras
 Em plena Corte assazonávaõ crimes :

“ Vinde (lhes diz) por nossa gloria o mando :
“ Na potente Provincia d’Alem-Tejo,
“ Abastada c’os dons da loura Céres,
“ E sempre ufana de Mavórcios louros,
“ Há huma por mil titulos Cidade
“ Desde as Eras de Roma já famosa ;
“ De misèrrimos Pays em tórpe alvérgue
“ Nascido alli, eu tenho hum Educando
“ Pelo qual consultei Fortuna, e Fados,
“ E por minhas Consultas hei sabido
“ Que a todos Nós resultará grande honra
“ Dos impios feitos, e das nescias óbras
“ Com que por vário modo em tempo vário
“ Elle há de nauzear Lisboa inteira,
“ Inda depois de frios lhe pezárem
“ Bons cincoenta Taneiros no cachaço !
“ Eia, minhas Irmans, por nossa culpa
“ Não deixe de contar pasmado o Mundo
“ Mais hum Heróe d’insigne desafòro :
“ Este meu prezadissimo Educando
“ Quero que fique sempre memorando ;
“ Pois se as Virtudes no louvor não morrem,

“ Os grandes crimes não esquecem nunca,
 “ E o nome d’Herostrato he mais sabido
 “ Pelo incendio do Templo de Diana
 “ Que o do grande Architeto Tesiphónio
 “ Auctor daquella Ephésia maravilha :
 “ Quero em fim que este meu pasmòso Alumno
 “ Seja hum composto tal dos vicios todos
 “ Que hum Homem viciòso não pareça,
 “ Pareça o próprio vicio em gesto de Homem !*
 “ Eia, não se retarde a nossa gloria :
 “ Em quanto he tempo, vamos ; não succeda
 “ Que algum-Genio-do-Bem vá bafejallo,
 “ Infundindo-lhe n’alma os sentimentos
 “ Que podem estorvar nossos projectos :
 “ Eia, minhas Irmans, a Beja, a Beja.”
 Apenas proferido o atróz discurso
 Negro voô bateo o Estygio bando,
 E na aérea carreira tenebrósa
 Horrenda saudação lhes entoáraõ
 Juntas piando as Aves agoureiras.

* Mentitur qui te vitiosum, Zoïle, dixit :

Non vitiosus Homo es, Zoïle, sed vitium.

Mart.

Ergue os ólhos, Calliope, e fagueira
 Com teu benigno olhar, teu almo riso
 Inflúe-me aquelle fogo moderado
 Que esperta a narraçãõ, e a faz graciõsa :
 Dá-me hum raio da luz com que inflammaste
 *Esse que bebeo tanto d'agoa Aónia,
 *Sobre quem tem contenda peregrina
 *Entre si Rhode, Smyrna, e Colophónia,
 Athenas, Chios, Argo, e Salamina ;
 Com doce fluidèz meus labios marrem
 A facèta dicçãõ, o estylo argúto
 Em que o cantor de Achilles descantára
 Das Rans e Ratos a renhida guerra.

Ja do materno leite saciádo
 Aquelle tempo o Heróe no taboleiro
 Tinha, mamando em vaõ, largado a teta,
 E ficado a dormir de bocca aberta :
 De lenço na cabeça o *Mestre-Espinha*,
 E de perna traçada, resomnava

* Cam. Lus. C. 5º. Est. 87ª.

Recostado na banca da cosinha ;
 Em perfeita mudêz era a Bodéga,
 Quando sobre ella re-voou, pousando
 Co' as Estygias Irmans o Desaforo :

A Adulação primeiro, que respira
 Toda a aura das caricias, foi entrando ;
 E, muito compassada, e airósa dando
 Tres voltas de-redór do Heróe dormente,
 Com sereno bafejo insinuou-lhe
 Seu seductor espirito maligno,
 Que o profundou n'hum somno saboroso :

Seguiu-se-lhe a mordáz Maledicencia.
 Manancial de atrózes invectivas,
 E arteira de atrocissimos dicterios ;
 Que, aos ouvidos do Heróe resmoneando,
 O fez caramunhar quasi acordado ;
 E, latindo feróz como hum Rafeiro,
 De Cynico furor eivou-lhe os téstos :

Eis que esvoaça com falláz Zumbido
 A sempre inquieta, turbulenta Intriga ;
 Que, mui velóz mechendo, e re-mechendo
 D' huma, e d'outra rodilha as dobras todas,

E roçando co'as unhas brandamente
 Nos graves pés do Heróe recém-nascido,
 Perpétua inquiétação calou-lhe n'alma :

Salta logo de anquinhas, e donaire
 Marchando a Presumpção empavezada,
 E caminha após ella a Audacia, impando
 Corcunda por-de-traz, e por-diante ;
 Avança cada huma por seu lado ;
 E, pegando a soprar, no tenro Alumno,
 Por tal arte o fizéraõ que ind'agora
 Passêa sempre de bochecha infláda :

Vai depois, em feição d'immunda Serpe,
 A Perfidia, aos corcóvos, rastejando ;
 Enrósca-se no peito, e na garganta
 Do *pequenino—Heróe—desaforado* ;
 Torce o rabo ; e, mettendo-lho na bocca,
 Elle cuidou ser teta, e foi chupando
 Todo o veneno que inda véрте agora :

Ultima entrou, co' a vista arrevezada,
 Frenética ullulando, a torpe Inveja ;
 Contorce os membros lívidos ; espuma
 Toxico, e fel ; raivósa os dentes range ;

E co' a farpada lingua venenósa,
 Que ao venenôso Escorpiaõ imita,
 Tres vezes zargunchou no esquerdo lado
 Do *Heróe-mamaõ*; que, vendo-se avexado,
 Bufando enfurecido, como hum Touro
 Com garróchas de fogo no cachaço,
 Ou mordido da Bêspa em dia estivo,
 Com longos berros d'inflammada guéla,
 Mui dissonantes do infantil vagído,
 Tanto vibrou na casa o ar ambiente
 Que apresentou com a candeâ em terra,
 E foi tombar ao canto a vinagreira!
 Co' as heroicas rajadas aballado
 Estremecendo o tecto mal segúro,
 Em parêdes de taipa descانçado,
 Corria e telha-vaã, e appresentava
 A pedaços o Ceo por entre as ripas:
 Pelas fisgas da porta carunchósa
 Os ares impellidos sibilávaõ
 Como quando hybernósa tempestade,
 Enegrecendo o Ceo, revolve os Mares,
 E irados, e forçósos pelejando

“ Noto, Austro, Bóreas, A’quilo parecem

“ Arruinar a machina do Mundo !”*

N’hum redomoinho andava á casa toda :

Mas, assim que elle deo os ais primeiros,

Batendo descompostas gargalhadas

O Estygio bando re-voou, sahindo :

Voando os monstros é’o estridor das azas

O medôno ruído accrescentávaõ ;

E, vaidôso applaudindo o agouro infausto,

Clamou o Desaforo, encarquilhando

Tábidas fáces com protervo riso :

“ Exultai, Sócios meus, que o meu Alumno

“ Será hum taõ perfeito Sycophanta,

“ E hum Cynico será taõ accabado

“ Que nas taes prendas toda a Grecia encóve.”

Porem o Heróe, co’a bocca escancarada

Dobrando os sons, des-atinado berra ;

E, ao pavorôso estrépito accordando,

Naõ bem desperta, *Angelica* presume

Que algum faminto canzarraõ raivôso

* Cam. Lus. C. 6º. Est. 76ª.

Em vêz de empada lhe trincava o Filho :
 Assenta-se a tremer, e logo exclama :
 “ Ai! o meu ricco Filho, coutadinho !
 “ *Espinha*, accode cá, traze a candêa.”
 Assim dizendo carinhósa os braços
 Lança ao chorôso Heróe, que estravejava
 Fóra do taboleiro perneando,
 Qual, sahindo do curro, hum Boi furiôso
 Que se embrulha, se estende, e se revolve,
 Por se erguer forcejando, ate que torna,
 Mugindo, a dar mais fervida investida :
 *Naõ sabe nesta pressa quem lhe valha †
 Angélica ; e, entendendo accommodallo
 Se lhe impingisse a teta, a teta puxa ;
 Vai a unillo comsigo, e o Heróe, raivando
 Cada vez mais das Furias avexado,
 Préga-lhe huma valente mordedura, ‡
 E avança-lhe co’ as únhas muito abertas
 A’ desgrenhada trança, que estalando

† Cam. Lus. C. 2º. Est. 25ª.

‡ Todo o Mundo sabe que os Heróes nascem com dentes.

Fica nas mãos do Heróe quasi em triumpho,
 Como ja nas mãos d'Hercules ficáraõ
 Os pullulantes restos tremebundos
 Das Hydras que no berço destroncava!
 Entaõ com susto *Angélica*, e com dores
 (Inda mais que na hora em que o pario!)
 Grita, e torna agritar "Ai! o meu peito!
 "Espinha, não me accodes? O Pequeno
 "Entrou-lhe cousa-má...Pois que he la isso?
 (Responde o *Mestre-Espinha* a espreguiçar-se)
 "Saõ Bruxas que me deraõ co' a criança,
 (Torna *Angelica*, afflicta vozeando)
 "Certamente saõ Bruxas: estas raivas
 "Saõ sobre-naturaes. Ui! e a candêa
 "Taõ cedo se apagou! Esta hé bonita!
 "Deixa-me petiscar." Resmoninhava
 C' o somno estonteado o *Mestre-Espinha*:
 E logo, abrindo a bocca, e dando aos hombros,
 E coçando-se muito nas ilhargas,
 Foi ás apalpadellas procurando
 Na sebenta, e deserta prateleira,
 No lodôso pojál dos çujos pótes,

E debaixo da banca mal segura
 A caixinha da isca ; mas debalde,
 Que, como a casa andou n'hum redomoinho,
 Adeos isca, adeos méchas ; e a criança
 Bérra cada vez mais, e mais teimôso*
 Do que em Maio bem pardo, e bem ventôso
 Estala pelos Ceos repercutido
 O medonho trovaõ ! Da noite o medo
 Cresce co' a voz do Heróe ; ja não se entendem
 Seus besuntados Pais ; ja qualquer delles
 Reforça quanto pode a voz, e ficaõ
 Azaranzados, tremulos, medrósos,
 Patétas, sem saber o que hum quér d'outro.

Moráva logo alli parêdes-meas
 Huma Velha mui nédea, e mui Doutora,
 Que dizia guardar certas Reliquias
 De certa, efficacíssima virtude

* Hé tanto Enállage como em Cam. na Est. 24 do 5º. C. da Lus.

Mas ja o Planeta, que no Ceo primeiro
 Habita, cinco vezes appressada, &c.

Contra todas as castas de bruxedo ;
 E nesse mesmo dia por acêrto
 Hum Donato, que andava ao peditóro
 Foi pernoitar a cása da tal Velha.

A Filha da Preguiça, e Mãy do Engano,
 A palreira Ignorancia aventurósa,
 Sempre c'o Desaforo officiósa,
 E neste seu Alumno embasbacada,
 Ha muito que espreitáva o como, e o quando
 Pudesse em seu serviço obter entrada ;
 E mui leda, e mui lesta aproveitando
 Taõ boa occasiaõ, parte de tróte,
 Convóca a Reverencia ; e logo, em forma
 Huma da Velha, e do Donato a outra,
 Vaõ, de Lanterna, e de Saccóla armadas,
 Bater á porta, onde rebomba o éccho
 Das tres confusas, dissonantes vozes :
 “ Abra a porta, Visinha” (clama a Velha
 Em que vinha a Ignorancia disfarçada)
 “ Aqui tem luz: coutada! que tormento
 “ Lhe tem dado esta noite o seu Menino
 “ Naõ poder socegar ! Isto saõ Bruxas :

“ Ora de-me esse Anginho, que aqui trago

“ A Bolsa das Reliquias, e ind’agora

“ Teraõ mais prompto effeito, pelas rézas

“ Do senlor Reverendo.” Assim dizia,

E pegando do Heróe o acalentava ;

E logo a Reverencia mui devóta,

Pondo-lhe a esquerda no alto da cabeça,

Co’ a direita huma bençaõ lhe atravessa,

Com bulliçóso beijos murmurando

Em sibilado som por entre os dentes

Certos tons variados sem palavras,

Imitando do Chôro a gritaria.

Como quem, da Tarantola mordido;

Naõ pode repousar se naõ escuta

Cadentes sons de Cythara suave ;

Assim o Heróe, da Inveja zargunchado,

Só repousou nos braços da Ignorancia,

Ao som da cantilena que entoáva,

Fazendo-lhe segunda a Reverencia.

“ Deos lho pague, Visinha, Deos lho pague :

(Mui de mansinho *Angélica* dizia)

“ Elle ja dorme.”—Quasi. Torna a Velha,

E embalando-o nos braços o bafeja.
 Entaõ, pondo-se em pé muito direita,
 C' os ólhos ao divino em alvo póstos,
 A Reverencia encrúza-lhe tres bençaõs,
 E na parte onde he uzo abrir-se a C'roa
 Unhou-lhe alguns delgados cabellinhos,
 Que a Velha arrecadou co' as mais Reliquias
 Para deixar o Heróe livre de Bruxas.

A este tempo o *Espinha*, muito crente
 Em toda a Reverenda-piéguice,
 Pondo os ólhos no chaõ, pede licença,
 E, accendendo a candêa na lanterna,
 Vai-se á gaveta, aonde chocalhavaõ
 Alguns folgados cobres; muito humilde
 Volta com hum vintem, e diz “ Perdôe
 “ O Senhor Reverendo, que a pobreza
 “ Não me permite mais.” A Reverencia,
 Muito risõha abrindo-lhe a Saccóla :
 “ Venha (lhe diz) que tudo he charidade ;
 “ E, para premiar seus bons dezejõs,
 “ Em minhas Orações eu lhe protesto
 “ De rogar que o Menino inda algum tempo

“ Venha a ser hum dos Meus, e que em Lisbòa

“ Dê hum famôso brado.—Sim (proségue

Arregalando os ólhos a Ignorancia)

“ Eu nunca em meus prognósticos me engano,

“ E agóra affoutamente prognostico,

“ Segundo a grande força com que berra,

“ Que o Menino ha de ser famigerado,

“ E muito mais por tretas que por létras.”

Estas, e outras taes lérias embutiaõ

A' estupefacta *Angélica*, e seu Homem,

Que de queixo cahido as escutavaõ ;

E logo despediraõ-se, deixando

O Heróe muito sereno, e regalado,

Submergido no somno da Ignorancia,

A tomar huma longa raposeira,

Preságo de outras táes quaes toma agora.

FIM DO 2º CANTO.

CANTO IIIº.

*AGORA Tu, Calliôpe, me ensina†
 O que mais disse a Deosa-Trombeteira,
 Apressada movendo os sabedores
 Dobrados labios da rotunda bôcca.‡
 Corriaõ dias, e passavaõ mezes,
 E *Angélica* não tinha huma só noite
 Em que dormisse hum' hora socegada ;
 Que de noite, e de dia, e mais, e sempre
 O *Heroe-mamaõ*, das Furias avexado ;
 Não somente estrugia o proprio alvergue,
 Se não que a visinhança amotinava !
 Quantas vezes *Angélica*, esfalfada
 De lidar sem descanso, e sem proveito,

† Cam. Lus. C 3º. Est. 1ª.

‡ Dedit ore rotundo

Musa loqui..... *Hor. Epist. ad Pis.*

*Para O Ceo crystallino alevantando
 *Com lágrimas os ólhos piedósoz,
 *(Os ólhos, porque as maõs põem na cabeça
 *Apertando-a co' aforça da amargura)
 *E depois attentando no Filhinho,
 *Que tanto lhe sahira endiabrado,†
 Ao çujo *Mestre-Espinha* encasmurrado
 Deixou cahir com pranto estas palavras :‡
 “ Ai! meu *Espinha*, eu muito bem conheço
 “ *Ser isto ordenaçãõ dos Ceos divina§
 “ Para castigo nosso, que o peccado
 “ Comsigo traz a pena, ou tarde, ou cedo:
 “ Este nosso Menino foi gerado
 “ Do Creador contra vontade, e em tempo
 “ Em que éra para Nós hum beijo hum crime;||

† Imitaçãõ de Cam. na Est. 125^a. do 3^o. C. da Lus.

‡ Effusæ que genis lachrimæ, et vox excidit ere.

Virg. En. L. 6^o.

§ Cam. Lus. C. 4^o, Est. 3^a.

|| *J. A. de Macedo* nasceo em 1759 antes do Matrimonio de sua Mãy Angelica Rosa com o dito seu Pay Gregório de Macedo, por alcunha *O-Espinha*.

“ Oxalá, por hum gosto que tivémos
 “ Não nos dê o Pequeno mais desgostos
 “ Do que éstas noites más que nos tem dado.”

Mas o Heróe, como o Macho dos Bernardos,
 Hia crescendo aos palmos, e crescia
 Nos dotes infernaes com mór sobejo,
 Que seu grave Mentor, o Desaforo
 Com próvida influencia não cessava
 De aproveitar-lhe a indole pasmósa,
 Tanto em seu natural propensa aos vicios!
 Pay, nem Mãy, nem Parentes, nem Visinhos,
 Nem Mestres, nem affagos, nem castigos
 Não podem amansar o Tardinho,
 Senhor de prendas taes que á-vista delle
 Roberto-do-Diabo era hum Santinho!
 Inda os dentes queixáes não tinha todos
 Ja ganhava em malicia a déz Rapòsas!
 E, na idade em que alguns inda innocentes
 Cuidaõ pelo sobáco haver nascido,
 Elle, ja certo na Materna-estrada,
 Gentil Campeaõ da bregeiral-Palestra,
 Destro em conca, e peaõ, bilharda, e pedra,

Com lingua de serpente, unhas de Harpya
Ganháva em honra ás do Rifaõ de Beja!

Contava ja o Heróe sette Janeiros,
Quando huma noite em sonhos lhe apparece
O seu Mentor na forma de hum Gigante;
E, abrindo ambas as mãos, que, se as erguesse,
Com ellas té á Lúa chegaria,
Mostrou-lhe n'huma hum Burro, e n'outra hum
Barco,

E disse, quasi em vóz de huma buzina:

“ Levanta-te, *José*, e vem servir-me;

“ Levanta-te, *José*. Este era o nome”

Com que o tinhaõ á-pressa baptizado.

O Heróe, abuzinado, arripiou-se,

E, inda mais que da vóz, pasmou do gesto;

Porém não se calou, que nessa idade

Ja tinha para tudo audácia, e labia!

E, no tom da malicia, mui pacato

Responde “ Quem sou eu que taõ pequeno

“ Possa ser servidor dessa Grandeza,

“ E muito mais sem eu saber quem sirvo.”

“ Levanta-te, *José* (insta o Gigante)

“ Tu podes, he meu gosto que me sirvas,
 “ E será teu proveito se o fizéres :
 “ Sou Genio grande de hum Lugar pequeno
 “ Que he sobre o Tejo situado, em frente
 “ Da formósa cidade de Lisboa ;
 “ Cassilhas he seu nome, e mui famôso
 “ Pelas grandes funções de burricada
 “ Que no tempo em que os Zephyros campêaõ
 “ Dalli se fazem annualmente á Costa ;
 “ Alli naõ estaõ nunca em ócio os Burros,
 “ Que a diaria Carreira das Faluas
 “ Continuamente leva, e tráz, e torna
 “ Com folgazôna turba cavalgante,
 “ Que deixa bons tostões nos taes folguêdos :
 “ Para alli te encaminha, que alli devem
 “ Começar teus trabalhos, e fadigas ;
 “ E dalli partirás para Lisboa,
 “ Onde se ha de acabar tua fortuna,
 “ E nas boccas do Mundo andar teu nome.”

Assim dizendo, ameaçou de-léve

*Que lhe pregáva hum couce no vazão :†

Do ameaço terrível espantado

O Heróe, pulando, grita, e nisto accórda.

“ O que tens Tu, Rapáz ?” (Accode o *Espinha*,

Que aos gritos despertou) “ He que eu sonhava

(Responde o Heróe) sonhava que hum Gigante

“ Me dava hum pontapé. Cal’te, marôto,”

(Rosna o casmurro *Espinha* mui zangado)

“ Que eu te farei o sonho verdadeiro,

“ Amanhaã te direi se a estas horas

“ Se grita desse modo. Disse, e logo”

Virou-se, e com *Angélica* abraçado

Outra vez a dormir pregou dous roncoss:

Porem ficáraõ bem no fundo impressas

Dos miólos do Heróe estas palavras

De seu sebento Pay; e, revolvidos

Na inquieta, affervorada phantasia

Os discursos, instancias, e ameaços

Do Phantasma Gigante de Cassilhas,

Entre susto, e esperanças duvidoso

Levou todo a scismar da noite o resto.

Ja derramava pérolas a Aurora,

E no rôxo horisonte mil-córado

Os primeiros reflexos scintillavaõ
 Da matutina alampada Phebêa :
 Cada raio de luz que lobrigáva
 Era hum dardo que n'alma lhe varáva
 Do Heróe, que, d'alto-a-baixo revolvido,
 Deliberou sublime ; e, entãõ erguido,
 Ligeiro em pensamentos e pégádas,
 Foi-se á gaveta muito de-mansinho,
 E nas rapantes únhas, costumadas
 A taes expedições, trouxe hum cobrinho
 Dos poucos que ella tinha ; e muito ufano,
 Já de-fóra da porta a-salvamento,
 Comsigo arrazoòu desta maneira :
 “ Irra ! o Senlor meu Pay, de maõ alçada,
 “ Pertenderá de mim fazer picado
 “ Com que rechêe alguns pasteis ? Bem bastaõ
 “ As muitas vezes que me tem zurzido !
 “ Naõ me ha de pilhar mais ; vou correr Mundo :
 “ E, se os sonhos, como eu já tenho ouvido,
 “ Do que ha de accontecer saõ certo agouro,
 “ E hum annúncio que o Ceo ás-vezes manda
 “ Para determinar a Gente incerta,

“ Bem farei se me for por essas Terras
 “ Até que vá parar no tal Cassilhas :
 “ Pois vou.” Rosnando assim, pôz-se a caminho,
 E, luctando entre varias conjecturas,
 O coração no peito lhe saltava.

Somente, vagaroso caminhando,
 Tinha avançado o Heróe tres-nove passos,
 Quando tres mui formosas Borboletas
 (Núncias da Adulação, que o Desaforo
 Enviava a esforçar o seu Alumno)
 As azas multi-cores desdobrando
 Re-lustradas co’ a luz do sol radioso,
 E encruzadas voando, e re-voando
 Com suave sussurro sonoro,
 Nas orelhas tres vezes lhe roçáraõ,
 E outras tantas na testa lhe pousáraõ :
 Daqui tomou o Heróe jucundo agouro,
 E foi mais ledo aligeirando o passo.
 Mas, como o Rifaõ diz, e he muito certo
 —Que a pobreza não póde dar fartura,
 E nem a fòme cria bom cabello—
 O Heróe que desta vez, como outras muitas,

'Tinha a barriga unida co' as costellas,
 Pouco antes de deixar aventurôso
 Os turrigeros muros da Cidade,
 Lembrou-se de contar o tal cobrinho,
 E achou setenta reis " Bom ! para hoje
 (Disse entre-si, pinchando de contente)
 " Já tenho que comer : vamos á Tenda,"
 Dicto, e feito : foi logo rebolindo,
 E pedio pão, e queijo ; muito airôso,
 Sobre o balcão correndo a maõ fechada,
 A fazer co' as de cinco chocalhada.
 Des-prevenido das heroicas manhas
 Do *Espinhoso*—*Telémaco*—*Pacense*,*
 Ithaco envéz d'enviozado ensino ;†
 Já o Tendeiro, no balcão pousando
 Hum pão grande e huma faca, se tornava
 Para trazer o queijo ; eis quando salta

* *Espinhoso* por se dizer Filho do *Espinha*, e *Pacense* por se natural de Beja.

† Por que Minerva foi o Mentor do Filho de Ulysses, e o Desaforo o tem sido de *J. A. de Macedo*.

De hum negro, e grande, e gôrdo Gato em forma,
 A-pro do seu Alumno, o Desaforo ;
 Mia assanhado, e horrendamente berra,
 Despendúra huma réste de cebollas,
 Des-concerta as balanças, e as vasilhas,
 Embrúlha-se nas pernas do Tendeiro,
 E dá no chaõ com elle de-cangalhas.
 Naõ quiz mais ver o Heróe : dizendo “ Sápe”
 Tres cebollas, e o paõ á-pressa agarra,
 E lá se vai taõ lépido esgueirando
 Que em-vaõ corre o Tendeiro, e grita, e busca,
 Ja lhe naõ póde pôr a vista em cima :
 Tanta foi sempre a sua ligeireza !

Eilo por essas Terras de jornada
 Afortunadamente amiudando
 Huns após d’outros os heroicos passos,
 Todos de calcanhar assignalados ;
 Co’ a barriga de farta sempre himpando,
 E os seus setenta reis sem ter desfalque,
 Pois sempre o seu Mentor lhe deparava
 Novas occasioes de gatunice,
 Que elle já como Mestre aproveitava :

Chega em fim a Cassilhas ; e, lembrado
 Do que o Gigante em sonhos lhe dissera,
 Olhando a turba burrical que o cerca,
 Por força de attracção alli se fica.

Bem como o ferro ao iman apegado,
 Ou leve palha ao transparente alambre.

Da jornada o Heróe ja vinha armado
 De hum carapúço azul que surripiára,
 E de huma cacheirinha de carrasco ;
 Estava prompto para a vida, e logo,
 Camarada dos outros *Tóca-Burros*,
 Na estrada começou a dizer “ Arre.”
 O' Ancas-Burricaes, se vós fallasseis
 Dirieis as lambádas furióas

Com que elle vos brindou, quando era empenho
 De servir com presteza alguns freguezes,
 Ou quando a casquilhissima gualdrápa
 Muito amarrada vos tolhia os passos !
 Maz vós suáveis a-poder de arrôcho,
 E elle enchia de cobre as algibeiras ;
José de seus Patroes era a delicia,

E nenhum dos Rapazes de Cassilhas
Trazia tantos Burros a seu cargo.*

Burriqueiro Andarilho decantado,
Ja entãõ, como agora, entusiasmado
(Nas Helicóneas faldas babujando
O excesso das vertentes de Aganippe)
Ao Burro que mais quer, por mais andejo,
Nas horas de lazêr o Heróe compunha
Versos em prósa, e rythma! Eraõ prelúdio
De obra mais longa, versos mais chapados
Em que elle, ja depois de Burro velho,
Com métrica manâ escouceandõ,
Da sua Musa, a Infamia, por conselho
Devia os Burros celebrar zurrando.†

* Não cuidem os pios Leitores que isto he peta: *J. A. de Macedo* foi taõ Heroe desde os seus primeiros annos, que, naõ contando ainda mais do que sette, fugio a seus Pays, e veio por essas Terras gatunando, ate se estabelecer Moço de Burros em Cassilhas; donde, para cumprir seus Fados, abalou para Lisboa á gandraia.

† Allusaõ ao seu chamado *Poema dos Burros*, que tem apparecido manuscripto, accrescentado, e variado de máo para peor; obra

Que fazias no-em-tanto, ó cujo *Espinha*,
 O' esfalfada *Angelica*? O teu Filho
 Fez huma hida como a faz o fumo!
 Debalde he procurallo: nem ao-menos
 Apparece quem dê noticias delle,
 E o último que o vio lá na Cidade
 Foi o Tendeiro, que ficou roubado.
 “Ai! o meu Filho (*Angélica* dizia)
 “Meu ricco Filho, feito ás-escondidas,
 “E jagora escondido para sempre!”
 Trez vezes cada dia, quando menos,
 Se repetia a mesma caramúnha;
 Porem embezerrado o *Mestre-Espinha*
 Ou não dava resposta, ou, quando a dava,
 Por se ver livre delle os Ceos louvava.

eujo tedioso estylo, e malignidade são sobejos testemunhos para se reconhecer *J. A. de Macedo*: sem ter nem hum laivo dos chistes da Martinhada; tem igual indecencia, e he mais sórdido; dos preceitos Poeticos não se lhe ácha sequer hum; achaõ-se-lhe porem re-unidos todos os defeitos triviaes nas obras de seu Auctor; e dá sobre-tudo que admirar o calumnioso, e excessivo fel, que por toda ella está derramado em tanta cópia, que não se accreditaria, se *J. A.* não estivesse taõ conhecido.

Passou-se mais de hum anno, e fadigoso
 Verdugo-burrical famigerado
 Andava o Heróe nas palmas dos Freguèzes :
 Mas ja nas portas d'alma lhe batia
 O Desaforo novas aldravádas,
 E do dezejo as cócegas teimosas
 Não o deixaõ parar sem ver Lisboa
 Nem tanto esta partida retardára
 Se ás-vezes, cogitando na partida,
 O largo coração não lhe apertassem
 Ternissimas saudades dos Burricos.

Porem o seu Mentor, attento a tudo,
 Que até os pensamentos lhe adivinha,
 E quer aproveitar-lhe os bons dezejos ;
 Com gestos de Hortelaõ passa a cassilhas,
 Vai-se ao Patraõ do Heróe, entra em ajuste
 E compra o Burro que elle mais amava :
 De seu primeiro Dono assim chamado
 Chamava-se o tal Burro, *O Burro-Lopes* ;
 E, por influxo de amizade antigo,
 De outro *Lopes* o Heróe he hoje amigo.*

* *J. J. P. Lopes*, actual Redactor da Gazeta de Lisboa.

Já no peito do Heróe lavrava a mágoa
Da perda do Burrinho, seus enlévos ;
Mas vendo o Desaforo o seu Alumno
Que todo se engoijava com saudades
Do orelhúdo animal, chamou-o á-parte ;
E, mui meigo affagando-lhe as bocheças,
Com ar de riso disse-lhe “ Se quéres
“ Anda comigo, ficarás com elle.”
Annúe o Heróe, embárca-se c’o Burro,
E logo des-atraca, e des-afferra
Soltando a larga vela ao vento largo.

FIM DO 3º CANTO.

CANTO IV°.

QUASI sempre a Fortuna lisongeira
Sópra com vento em poppa ao Desaforo,
Ou lhe deita aos baixéis a borda n'agoa
Ventando-lhe á-bolina em todo o rumo
Mais que hum Tritaõ curvado a Cytheréa
Vai pelas ágoas rápida a Falúa
Arfando compassada, e pela pòppa
Longa deixando esteira d'alva espuma :
Ei-la estremece já, co'a aguda pròa
Toccando em sêcco as praias de Lisboa ;
E, dando as mãos ao bambear da prancha
Em terra c'o Hortelaõ o Heróe saltava :
Mas qual seu pasmo foi quando, inda apenas
Afincando na arêa os calcanhares,
O'lha a ver o que vai, vê promptamente
A Falúa a virar fazer-se ao largo,
E não vê o Hortelaõ!...Procura, chama,

Porem debalde, que ninguem responde ;
E a turba circunstante, ao ver seu pasmo,
D'escárneo lhe bateo longa risada.
Bem como quem de hum grande pezadello,
Os ólhos esfregando, se levanta,
E, inda co' a phantasia povoáda
De embusteiros somnivo-los phantasmas,
Entre a abusaõ, e a realidade hesita ;
Tal, por mui largo espaço, duvidando
Do mesmo que está vendo, e está passando,
Ficou o Heróe co's olhos espantados
Perplexo, estupefacto, mudo, e quêdo,
Alma de Judas, corpo de penedo !
O Burro foi-se, e o Hortelaõ sumio-se
Desfeito em insultantes gargalhadas !
Mas o Heróe não tremeo ; ja de pequeno
Começava a ter callo na paciencia
Para soffrer violentas surriadas ;
E ja tinha na cara tres ou quatro,
Das sette que óra tem, camadas de aço
Impenetraveis da vergonha aos tiros.
Entaõ, segundo havia contractado

Com seu grave Mentor, quiz a Fortuna
 Da sua protecção prestar-lhe hum rasgo :
 Conjura o tórvo Rei das tempestades,
 Pedindo-lhe dois rijos agoaceiros ;
 E, em quanto o Heróe com intima zanguinha
 Azoádo bufando parafúsa,
 As rajadas do Sul voaõ, trazendo
 Nas negras ázas cérulos chuveiros.
 Fervendo com soído estrepitôso
 Pelas mui porcas ruas de Lisboa
 Amplas corriaõ turvas enchorradas,
 Nas quaes com grande grita, e algazárria
 A corja dos Gayátos-Gandayeiros
 Toda do peixe-prego andava á péscia :
 Ouvio o Heróe os sons des-concertados
 Da miúda-canálha-gritadôra,
 Mais bulhenta que incómmodas Cigarras
 Na força do Veraõ, ou que ao Sol-pòsto
 *As Rans, no tempo antigo Lycia gente,†
 Coaxando agóra nos lodósos charcos :

Ouvio o Heróe ; e, qual saccode as crinas
Generoso Cavallo, que relincha
Inquiéto ao som das bellicas trombetas,
Tal em seu peito o coração brioso
Férvido pula, c'o dezejo ardente
De acompanhar a turba-gandayeira
Na quelle nobilissimo exercicio :
Dezejou, e cumprio ; e, em sós dois saltos
Mettendo os pés na proxima enchorrada
Se perfilou no rancho dos Gayatos,
Que logo muito accesos resingaraõ,
E por hum tris que naõ se engalfinháraõ !
Já tinhaõ cinco ou seis o murro feito,
E sobre o manso Heróe o punho erguiaõ ;
Porem neste comenos a Fortuna
Traz de-ròlo nas ondas da enchorrada
Soante multidaõ de ferros velhos,
Que, de tropel batendo nos Artelhos
Da Ardente-guerreada-Rapazia,
Toda, a-hum-tempo tocada, estremecendo
Se encurva, mette a maõ nas çujas agoas,
E sem ponta, ou cabeça hum prego fisga :

O Heróe, por ser Heroe, foi mais ditoso ;
 Deo logo com tres Trôlhas, tres Martellos,
 Hum Nivel, hum Compasso, huma Esquadria,
 (Cousas a que tomou perpétua zanga)
 Porem dous Soveloens, quatro Cutelos,
 Trinta Gazùas, Facas, e Serrótes,
 (Cousas com que folgou para seu úso)
 Tudo ainda capáz, e em tempo brève
 Pescou taõ limpamente que assombrava
 Até os Brejeiroens mais amestrados!
 E conduzio-se em fim por tal maneira
 Que, antes de ser chegado o fim do dia,
 Foi por voto geral do Rancho inteiro
 Eleito *Capatáz-da-Brejeirada*.

Mas, de tanta excellencia mal-contente,
 Tentou o Heróe naquella mesma noite
 De seu genio sublime hum novo ensaio.

Quando em vastas ruinas espantósas
 Ficou Lisboà quasi sepultada ;
 Que os hórridos vulcoens flammi-ferventes,
 Com subterraneó-horrisono-rebombo,
 Medonhamente o seio lhe abaláraõ,

E a torreada pompa lhe abatêraõ ;
 Que as do Tejo auri-plácidas correntes,
 Verde-negras bramindo acapelladas,
 Em rôlo espantosissimo crescêraõ
 Quasi para tragar o chaõ que adornaõ ;
 Que o Susto, 'o Medo, o Espanto, o Estrago, e a
 Morte

Co' as tórvas azas lúgubres cercáraõ
 Seus Múros infelices, povoando
 Seu mésto chaõ de pavorósos Quadros !...
 E que depois, sob o ditoso influxo
 De hum grande Rei, hum próvido Ministro
 A ergueo das cinzas, e a tornou mais bella !
 Por força d'arte avassallando as ágoas,
 E o Tejo hum pouco recuar fazendo,
 Assentou-se em firmissima estacáda
 Hum quadrado Terreiro magestôso,
 Aonde, bem ao meio, em Bronzeo-Vulto
 Se ergue (do Mundo Oitava-Maravilha !)
 De hum só jacto fundida a Equestre-Estátua
 Que ao vivo representa o graõ Monarcha,
 O Primeiro Jozé, Rei venturoso

Que prezado viveo, morreo saudoso !
De redór com Symétrica ordenança
Sobre vastas Arcadas se levantaõ
Soberbos, sumptuózos Edificios ;
Pois, com ambas as mãos o Erário abrindo,
O Magnifico Rei fez Regia a obra !
Do lado Oriental á-beira d'agoa,
E quasi sobre o Tejo debruçado,
Há hum Salaõ de ricca architectura
Em marmóreas columnas sustentado:
No gyro do Commercio alli concorrem
Da Europa toda, e todo o Mundo as Gentes ;
E no espaçoso Cáes que órla o Terreiro
Pesaõ continuamente as Mercancías
De toda a casta, e dos Paizes todos :
Entre outras mil de Americana origem
Abunda mais o proveitòso Assucar,
Enlêvo da miúda-Brejeirada,
Que, das Caixas as fisgas espreitando,
Máo-grado aos çujos Argos que as vigiaõ,
C'os lapuzados dedos esgravata
A doce, e pegajósa golosina.

Já de braços abertos aguardava
 Thetis o Sol, que, os raios affroxando,
 Com pallido claraõ amortecido
 Apenas, scintillava no Occidente ;
 Quando o prófugo-Heróe, c'o carapuço
 Dos chuvósos despójos recheádo,
 Marchou sublime para a nova empreza,
 E soube com tal arte conduzilla
 Que ainda não tocava o Sino ás oito,
 Já elle, e seus bons Sócios tinhaõ fartas
 De assucar a barriga, e as algibeiras !

Nestas, e taes fadigas gloriósas
 Consumio mais de hum anno, inda ignorádo
 De hum dicto Tio seu, que éra em Lisboa
 Hum podre Ourives, mas hum pobre honrado ;†
 Que, máo-grado aos orgúlhos da Riqueza,

† He mui verdade que *J. A. de Macedo* viveo empregado em toda a casta de gatunice, que lhe permittio a idade, ate contar mais de nove annos ; tempo em que hum Ourives que se dizia seu Tio (posto que na realidade só foi Parente mui chegado a sua Mãy) o tirou da gandaya, e o metteo na Eschola ; e depois, em idade propria, na Communidade Gracizna.

A'cha-se a Honra no ásco da Pobreza.
 *Mas tendo promettido o Fado eterno,
 *Cuja alta Ley não pode ser quebrada,†
 Que o *Heroe-Capatáz-da-Brejeirada*
 Fosse tambem o *Trovador-do-Gama*,
 Ou o *Camões do avesso*, éra forçoso
 Tirallo da gandaya, e pôllo ás Letras;
 Bem que nesta República se erguesse
 Peiór do que no Mar-Mediterrano
 Hum bárbaro Argelino armado em côrso!

Apenas alvejava no horisonte
 O trémulo reflexo duvidoso
 Do raio matutino, e a froxa Aurora,
 As nóvas dormideiras orvalhando,
 Novo torpôr nos membros derramava
 Dos molles Cidadãos, que se regálaõ
 C' o somno da manhaã taõ saboroso;
 Entaõ o Tio Ourives preguiçoso,
 Dando mais huma vólta sobre a barra,

† Cam. Lus. C. 1º. Est. 28ª.

Se dispunha a dormir até ás sete :
 Voando leves Sonhos lisongeiros
 Na mal-adormecida phantasia
 Mil visoes agradaveis lhe appresentaõ :
 Figurou-se-lhe ver em lugar alto
 Hum Homem de bocheça rechunchúda,
 Em gestos, e feições alambazado
 Que, fazendo c'os braços dobadura,
 Com Sibyllino tom, phrase caloura
 Gritava até suar, e ter perdido
 De rouquidaõ a voz ; e em-redor delle
 Muita gente pasmada, e boqui-aberta,
 Parte da qual depois o acompanhava
 Dizendo-lhe de-manso “ Viva—Bravo !”
 Elle mui vermelhaço, e mui trombúdo,
 A todos acenando co' acabeça,
 Marchava como hum Galgo em retirada,
 Alimpando o suór nas ruças mangas ;
 E, dos hombros tirando hum trapo branco,
 Mui ligeiro as mãos ambas estendendo,
 Em huma recebia hum dinheirinho,
 E co' a outra anciòso agadanhava

Hum trasbordado cópo de bom vinho
 Que logo nas guélas emborcava.*

Inda estava cuidando o bom do Ourives
 Ver emborcar rápidamente o cópo,
 Eis da Philantropia o Genio vòã ;
 E diz-lhe “ De José te chamaõ Tio,
 “ Elle avança com passos de Gigante
 “ Pelo caminho á perdição aberto,
 “ Tu deves-lha evitar ; do ensino a força
 “ Talvez corrija o natural maligno
 “ Que á desgraça o conduz : inquire, busca,
 “ E na turba dos sórdidos Gayatos
 “ Acharás, gayatissimo entre todos,
 “ Teu sobrinho *Jozé*, que está entrado
 “ Em déz annos de idade, e inda não sabe
 “ Ao menos o ABC! Porem com-tudo,
 “ Não te esmoreça o seu atrazamento :

* Não se escandalizem os Senhores Oradores Sagrados, eu não zombo do Ministerio, zombo do seu indigno Ministro *J. A. de Macedo*.

- “ Se agora dás com elle nas Escolas,
 “ E mal chegar á idade competente
 “ Déres com elle Frade, eu te affianço
 “ Que inda ha de ser hum Pregador que azoine
 “ Lisboa, e seus compridos arredóres ;
 “ E até, segundo as tróvas que hoje inventa,
 “ Virá talvez tambem a ser Poéta.
 “ Poéta não (accóde logo o Ourives)
 “ Poeta não, que he praga, que he mania,
 “ Hé loucura, he doudice que eiva os téstos
 “ De alguns, de cuja vista precatados
 “ Fogem todos os tímidos Magnátas :
 “ Poeta, e póbres he quasi tudo o mesmo ;
 “ Eu estou da pobreza enfastiado,
 “ E não quero o Rapaz c’o mesmo achaque.
 “ Nescio, nescio ! (altamente instava o Genio)
 “ Não presta o fazer vida de Poeta,
 “ Mas ser Poeta he bom ; esses que ostentaõ
 “ Ter em-pouco a Poesia, he porque as Musas,
 “ Aváras de seus dons, lhos não dotáraõ,
 “ E á estúpida preguiça se entregáraõ :
 “ Para ser bom Poeta cumpre unir-se

- “ Longo estudo, e saber, bom-gosto, e engenho ;
 “ E ainda montará tudo isto em pouco
 “ A’ quelle aquem não dêr a Natureza
 “ O dom particular a poucos dado,
 “ Claro juizo, e phantasia ardente,
 “ Alma sublime, locução vehemente.*
 “ Dá honra a Poesia aos seus Alumnos ;
 “ E, se des-honra alguns, essa deshonna
 “ Não vem da Poesia ; he porque nescios,
 “ Sem bem avaliar as próprias forças,
 “ Ou de si próprios presumindo muito,
 “ A difficeis empresas se arrojáraõ,
 “ E d’alta presumpção se despenháraõ.†

* Ingenium cui sit, cui mens divinior, atque os
 Magna sonaturum, des nominis hujus honorem.

Hor. Sat. 4^a. L. 1^o.

S’il ne sent point du Ciel l’influence secrette,
 Si son Astre en naissant ne l’a formé Poète,
 Dans son genie etroit il est toujours captif ;
 Pour lui Phebus est sourd, et Pegase est retif.

Boileau dans l’Art Poet. Chant. 1^{er}.

† Sumite materiam vestris, qui scribitis, æquam
 Viribus, &c.....

Hor. Epist. ad Pis.

- “ Dizer que a Poesia traz pobreza,
“ Isso he abúso da vulgar cegueira :
“ Olha Tu se na Epoca de Augusto
“ Ouviste já dizer que fossem pobres
“ Horacio, ou Pollião, Virgilio, ou Varo ?
“ Ou se quando reinou Luiz Quatorze
“ Foraõ pobres tambem Boileau, Racine,
“ Ou inda os outros de lembrado nome ?
“ Exemplos (que não faltaõ) poderia
“ Entre as outras Nações citar-te immensos ;
“ E até, se em Portugal quizesse exemplos,
“ Alguns, e não muis poucos, acharia
“ Que essa vaã prevençaõ desvanecessem.
“ Raros merecem de Poeta o nome,
“ Mas da-se mais estima ao que he mais raro.
“ Hum dos lustres dos Seculos famosos
“ Foi sempre o produzir grandes Poetas,
“ E prezáraõ-nos sempre os bons Monarchas :
“ Concebeo Alexandre inveja a Achilles
“ Por não ter para si hum novo Homéro.
“ Eia pois, faze Tu o que te eu disse :
“ Dá c’o Rapáz na Eschola, e no Convento ;

“ E, seja Prégador, seja Poeta,
 “ Seja elle o que for ; em todo o caso,
 “ Como Tu lhe ensinaste o bom caminho,
 “ Do mal que elle fizer a culpa he sua :
 “ Em quanto he tempo, accóde-lhe ; e não tardes,
 “ *Porque sempre por via hirá direita
 “ *Quem do oppurtuno tempo se aproveita”†

Assim dizendo, deo hum ai !...profundo,
 E repetio “ Ai!... de *José*, se o deixas.”

Ao doloròso som dos ais magoados
 Acordou soçobrado o bom do Ourives ;
 E de-repente pôsto em pé na casa,
 Os ólhos esfregando, e mui confuso
 Olhando de-redor, exclama “ He certo
 “ Tudo isto que eu sonhei, ou he tontice?...
 “ Seja, ou não : vai-me pouco em procurallo.
 “ Mas, em-quanto eu por fóra ando á pesquisa,
 “ Talvez que venha algum Freguez á Loja,
 “ E perco huns tantos reis... Embora perca ;

† Cam. Lus. C. 1º. Est. 76º.

“ Paciencia, antes isto me succeda”
Do que fique o Rapáz por-hi perdido.

Eilo já surrateiro discorrendo
De mangote em mangote de Gayatos,
E eis ja o *Heróe Jose* sobre as orelhas
Sente a pesada mão do Tio Ourives:
Grita o Heróe “ A elle, Companheiros,
“ Ou vão-se-me as orelhas c’os Diabos.”
Accode a turba lestes; mas, olhando
Na mão do Ourives a bengala erguida,
(Bem como ante o Rafeiro arreganhado
A Matilha dos Gozos ladradores)
Tréme, recúa, e pára: o Tio puxa,
O Heróe re-dobra com a dor os gritos,
Eis surge hum Belleguim “ Largue o Pequeno,
“ Ou bato-lhe, c’os ossos na Enxóvia”
Mas elle, sem largar, e mui pacato:
“ Tenha lá mão (responde) este Brejeiro
“ He meu Sobrinho, que fugio da Terra”
“ Pois entãõ, carga nelle” Tórna o Esbirro,
E vai virando rumo. Finalmente
Ja na Loja o Heróe attento mira

As grandíósas Marujáes fivélas,
 E outros trastinhos taes, bem pezarôso
 De não poder fazer o que fizéra,
 E melhor fez depois! Mas senaõ-quando :
 “ Ande d’ahi, senhor ; venha comigo.”
 Diz o Tio, e ei-lo ja n’hum Algibebe
 Ajaesando o Heróe de-ponto-em-branco.
 “ Agora ha-de aprender (diz-lhe á sahida)
 “ Ha-de aprender, ou hei-de derreallo :
 “ Vamos ja rebolindo, inda hoje mesmo
 “ Quero que veja as barbas a seu Mestre.”
 Tal como o disse, o fez ; e no outro dia
 Já *José* caminhava impertigado
 Sustendo no sobaco a ricca pasta
 Que uzaõ trazer os miúdos Aprendizizes
 Da Cartilha efficaz do Mestre Ignacio.

FIM DO 4º CANTO.

CANTO V°.



MUSA, apára-me a penna mais delgado,
Pois tenho d'escrever novas proêzas
Do Heróe, que, ja das Letras no caminho,
Para emendar Camões se vai dispondo :
Bem sabes como eu tenho longamente
Revolvido memórias, relatando
Quanto a Fama tem d'elle apregoádo,
Té que, tapando pela vez primeira
Com çapatos de Vacca os calcanháres,
Expôz as mãos á rija palmatoria,
Entrando com heroica bizzarria
Do ABC no intricado labyrintho :
Tu pois agóra, ó Deosa, me recorda
O mais que hei-de narrar ; meu metro aspira,
Da-me igual canto aos feitos do famoso
Heróe, a quem o Desaforo ajuda ;
*Que se espalhe, e se cante no universo,

*Se taõ grande vilêza cábe em Verso.†

Passados éraõ já mais de tres mezes
 Quando o Heróe, cujos téstos milagrósos
 Saõ d'alta comprehensãõ, ja conhecia
 Quasi todas as letras salteádas !
 Chega o tempo fatal de ser preciso
 De tinteiro e papel o Heróe armar-se,
 E assentar nas balizas do regrado
 Com douta maõ a retalhada pluma :
 Já no adúnco nariz o chõcho Mestre
 As videntes cangalhas escarrancha,
 E, sorvendo a pitada, se encaminha
 Para reger do Heróe a maõ direita ;
 Mas seu grave Mentor o Desaforo,
 Em sonóro Mosquito transformado,
 Tres vezes lhe zumbio pelas orelhas ;
 E, n'hum dedo, naõ mais, que tem mal-pòsto
 Dando-lhe huma opportuna ferroadada,
 O compellio com Arte taõ pasmósa
 Que assentou logo hum traço ; e tal, que o Mestre

† Imitaçãõ de Cam. na Est. 5^a. do C. 1^o. da Lus.

Deo tres passos atrás como espantado,
 Olhando a perfeição, que parecia
 De antigo escrevedor famigerado !
 “ Ui ! Senhor (diz-lhe o Mestre) continúe,
 “ Faça lá outro assim.” Palavras dictas
 O Heróe, inda có a dor que era influencia,
 Fez segundo, e terceiro, e foi fazendo
 Té que o Mestre outra vez lhe disse “ Basta,
 “ Basta, que estou pasmado ! Quanto podem
 “ As propensões que a Madre Natureza
 “ Inflúe, como por força de destino !
 “ Vejaõ este Rapáz, este birbante,
 “ Duende, Trásgo, Demonico andante,
 “ Que, ao vello traquinar pela Cidade,
 “ Somente lhe suppunha habilidade
 “ Para andar c’os Gayatos gatunando ;
 “ Vejaõ este Fradinho de sabúgo,
 “ Antoníco, e Bernardo na agudeza,
 “ Bôrra em bochechas, Bento no cachaço,
 “ Franciscano no brio, e Loyo em tudo,*

* Ninguem se escandalize, que a ninguem he minha intenção escandalizar : como Poeta aproveito os Adágios que podem cravar a setta no alvo aque endireitei a pontaria.

“ Que taõ pasmôso geito des-envolve

“ Para a arte de escrever !”——Neste comenos

O fingido Mosquito Desaforo

Segunda vez do Heróe mordeo na dextra ;

Co’ a mordedura o Heróe desaforado,

Dando hum couce maior do que outra Besta,

De-repente escreveo... *Camões não presta.*

“ Que escreveste, Rapáz de mil Díabos !

(Grita o Mestre, azoádo segurando

As videntes cangalhas co’ as mãos ambas)

“ O que escreveste Tu ! Pois por ventura

“ Tu ja leste Camões, ou Tu entendes

“ Tudo o que elle escreveo no seu Poema ?

“ De nada disso eu sei ; porem lembrou-me

(Responde o Heróe) lembrou-me esse tal nome,

“ E cresceo-me huma certa vontadinha

“ De o descompôr a-torto ou a-direito.*

“ O Rapáz tem Diabo ! (Scisma o Mestre)

“ Sem saber escrever, escreve, e logo

“ Tal destampo escreveo !...Sáhiaõ já todos,

* E indagora assim he ! Bem diz o Adagio : O que o berço dá, a cova o tira.

“ Nem mais huma lição quero dar hoje ;
 “ Mas tragaõ-me dahi a palmatoria,
 “ Que quero a este patife dar o prémio
 “ De descompôr Camões” Todo enraivado
 Jurando que tres dúzias lhe cascava,
 Já elle sobre o Heróe se engalfinhava
 Quando batem á porta, e vai entrando
 O Desaforo, disfarçado em forma
 De hum velho Funileiro alli visinho ;
 Homem saõ, e bem-quisto, ainda que era
 Sebastianista acérrimo, e mui lido
 Em todas as prophéticas tontices
 Do Preto do Japaõ, e do Bandarra :
 “ Cuidei que succedia (diz o velho)
 “ Nesta casa, visinho, algum desastre !
 “ Ouvi taõ grande argel !”...Eis logo o Mestre,
 Enfadado arrojando a palmatória,
 Responde “ O que ha-de ser, se este Patife,
 “ Este Alárve, que tudo barafunda,
 “ Tudo embarálha a ler, taõ bronco, e rudo,
 “ Taõ besta como hum Macho de Liteira ;
 “ Este Tarélo, que por vez primeira

- “ Inda hoje começava a fazer riscos,
 “ Escreveo em character mui legivel,
 “ Sem ninguem o ensinar—*Camões não presta!*
 “ Isso, Visinho, he mais que habilidade,
 “ Isso he prodigio!” (continúa o velho,
 Arqueando de pasmo as sobrancelhas)
 “ Mas he pouca-vergonha (grita o Mestre)
 “ Grande pouca-vergonha que hum Tarêlo,
 “ Sem nem saber qual he a maõ direita,
 “ Se metta a avaliar o que não sabe,
 “ Nem talvez saberá em toda a vida.
 “ Pouca-vergonha! Pois *Camões não presta?*
 “ Poder-se-lhe-haõ notar alguns defeitos;
 “ Defeitos isso sim, que elle era Homem,
 “ E inda demais-a-mais foi desgraçado:
 “ Porem quantas bellezas em desconto
 “ Não tem por cada hum dos seus defeitos?
 “ Asseguro de mim, que mais lhe encontro
 “ Quanto mais o re-leio, e mais o entendo;
 “ E azéda-me as entranhas dar-lhe chufas
 “ Hum Badaméco em Letras enfronhado,
 “ Havendo-o tantos Sabios respeitado.

- “ Não se espante, Visinho, não se espante ;
 “ Que eu, se bem me recordo...e não me engano,
 (Interrompe o supposto Funileiro)
 “ Não sei em qual das minhas Prophecias,
 “ Porem li —Que virá hum Bigorrilhas,
 “ Literário Quixote, que enxovalhe,
 “ Em phrase de Peixeira ou de Arrieiro,
 “ Todos os firmes venturósos Crentes
 “ Na vinda do bom Rei que foi a Alcacer ;
 “ E, desta só loucura não contente,
 “ Aboccanhando com furor canino
 “ Os grandes Homens das Idades todas,
 “ Emendará Camões.—Irra ! Visinho,
 (Torna o Mestre c’o rosto envinagrado,
 Upas sobre a cadeira dando irado)
 “ Olhe bem o que diz ; c’os seus Prophetas
 “ Não me faça ferver mais ágra a bilis.
 “ Irra ! Emendar Camões ! Inda não veio
 “ Quem bem o imitasse, e ja espera
 “ Quem o possa emendar !...Ora, Visinho,
 “ Arrecáde essas suas Prophecias
 “ E lembre-se do que hoje prophetizo,

“ Eu, que nem Preto sou, nem sou Bandarra :

“ —Este Rapáz ha-de escrever depressa,

“ E muito ; porem mal, e a-trouxe-mouxe :

“ De forma que será taõ raro achar-se

“ Qualquer escripto seu limpo de asneira,

“ Quanto he raro no frigido Dezembro

“ Abrir o Sol hum dia que assemelhe

“ Aquelles formosissimos que estende

“ Quando em Abril remóça a Natureza.

“ Lêr, nunca ha-de ler bem ; inda que lêa

“ Com muita correntêza, e muito affinco :

“ A mim aquella cára não me engana :

“ Tôlos são todos quantos o parecem ;

“ Elle parece-o, hé-o : e embora tenha

“ A audacia natural de fallar muito ;

“ Porque, quem muito falla, pouco acérta.

“ Força hé que pague os altos de-voluto

“ Quem tem quasi Cabeça-de-Comarca,

“ E de Casmurro-alvár focinho, ou tromba :

“ He nos Hómens a cára espelho d'alma :

“ Não pode ter nos téstos bom miòlo

“ Quem tem tanta gordura no cachaço,

“ Tanta carne cahida sobre os ólhos,
 “ E taõ nédeas bochechas, taõ roliças
 “ Que mais parece hum cú do que huma cára.”

Com estas, e outras taes rasões quadrantes
 Tiveraõ por Camões longo argumento
 De Sebásticas listras arraiado :

Mas, estendendo as azas tenebrósas,

*Ja nisto punha a Noite o usádo atalho

*As Mundanas canceiras, por que céve

*Do doce somno os membros trabalhados,

*Os ólhos occupando ao ócio dados.†

Rindo do frenesi do chõcho Mestre,

Des-enxameára com tropel saltante

A inquieta—turbulenta—Rapazia ;

E entre as mal-povoadas Taboletas

O Heróe, botando a pasto a phantasia,

E o renhido argumento recordando,

Fez comsigo firmissimo protesto

De em redondo—character—corriqueiro

Acestar a tremenda artilheria

† Cam. Lus. C. 7º. Est. 65ª.

De chúlas phrases, torpes invectivas,
 Com que a turba Sebástica arrazásse
 Inda mais do que o fica hum Baluarte
 *C'os pelouros que Tu, Vulcano, espalhas †
 E jurou ao Camões hum ódio eterno,
 Pois que, sem o entender, lhe hia custando
 Huma sóva de Mestra—Palmatória ;
 E para des-forrar-se deveria
 Dos curuchéos da Fama derriballo,
 Ou, pelo menos, sem pudor, tentallo ;
 Que sem pudor a tudo se abalança
 Impio que a Dita espéra na vingança.

Sempre com más lições, e muito estudo ;
 Sempre c'o Desaforo ante seus passos ;
 E roendo-lhe sempre o fundo d'alma
 A caterva infernal, Sócias malditas
 Adulação, Maledicencia, Intriga,
 Audacia, Presumpção, Perfidia, Inveja ;
 Assim cresceo o Heróe ate á idade
 De entrar para Noviço, e foi acceito

† Cam. Lus. C. 10º. Est. 35ª.

Na Irmandade Agostinha. Oh! com que gaudio
Angélica, chorando, ouviu a nóva
 De que tinha o seu Filho a c'roa aberta!
 Que honras imaginou, e que ventura
 Para a sua velhice! Mas ai! triste,
 Que ainda o coração não conhecias
 De teu Filho *José!* Tu naõ cuidavas
 Que elle te desse o trato de hum Podengo!
 Prepará-te, infeliz; terás em-breve
 Pela experiencia amargo desengano!
 Desventurada *Angelica*, o teu Filho
 He da réproba Cáfila daquelles
 *Que refúsaõ o jugo honroso, e brando :†
 Naõ lhe esperes emenda, que te illudes;
 Ha-de correr seu fado, e o seu castigo
 Por suas proprias mãos será cavado.
José por ter entrado na clausúra
 Naõ mudou condiçaõ, nem pensamentos;
 E, no encêrro do claustro aperreado,
 Ou pelo largo Mundo desboccado,

† Cam. Lus. C. 10^o. Est. 40^o.

Sempre se conduzio segundo o influxo
 De seu grave Mentor o Desaforo ;
 Cumprindo tanto a-risca os seus preceitos
 Que o Chéfe da Graciana Fradaria
 Resolveo de enviar o *Heróe-rapádo*
 *A pizar do Mondego a fertil herva : †
 Do Mondego, onde Apollo, onde Minerva,
 Des'que reinou Diniz, haviaõ feito
 Depósito geral dos seus thesouros.
 Resolveo de enviallo ; mas naõ tanto
 Das Sciencias no proveito imaginando,
 Quanto por correcçaõ, pois que o Fradépio
 (Ambulante Hospital do mal de Venus)
 Com roubos, com sortidas, com zizanias, ‡
 Trazia toda aquella Santa-Casa
 Como a arêa nos ares revolvida
 Pela encontrada fúria sibilante
 Do soberbo Aquilaõ, Noto, Austro, e Bóreas.

† Cam. Lus. C. 3º. Est. 97ª.

‡ Por estas taes-e-quejandas habilidades foi J. A. remettido, como preso, para o Collegio de Coimbra.

No fertil, magestoso, e pulchro Idioma
 Do antigo Lácio o Heróe se doutrinava :
 Ja chega a exame a turba Escholiasta,
 E o *Reverendo-Heróe* por seus estudos
 Obteve em prémio hum Reverendo-R !*
 Mas nem isto o affligio, nem fez diff'rença ;
 Pois visto está que, para ser bom Frade
 Não se precisa ser bom Estudante.
 Sem saber o Latim, eis daõ com elle
 No labyrintho, e escuridaõ sagrada
 Da melindroza Sciencia Theologia :
 Aqui cuidou o Heróe fazer maõ-chêa,
 Porque a Revelaçãõ, e a Auctoridade
 Lhe davaõ argumentos que excedessem
 Os da Rasaõ, que elle seguir não sabe :
 Mas ai ! que o Theologaõ mal-estreado
 Nem ante éstas muralhas acolhido
 Poudes fazer faxina, e áo novo exame

† No Latim foi reprovado por Fr. Antonio de S. Luiz, como consta do Assento das Matriculas.

Aguentou na bochecha hum R novo! *
 D'entre os Collegiaes nenhum como elle
 Respondia taõ prompto, ou mais affouto ;
 Mas sendo por ventura perguntado,
 A que declinação pertence *Oleaster* ?
 Encaixava huma regra de Syntaxe !
 Se o caso de Susanna lhe inquiriaõ,
 Vinha com Jezabel, ou com Dalíla !

Des-enganados do nenhum proveito
 Que das Sciencias na estrada colheria
 Este do Desaforo Heróe e Alumno,

* Não há dúvida que foi tambem reprovado em Theologia ;
 nem o admittiraõ a segundo Acto, por que no de Filosofia (a que
 foi por empenho) sendo arguido por Fr. Francisco de S. Agostinho
 (por antonomasia o *Botaõ*) sobre a immutabilidade de Deos, a
 resposta concludente de J. A. foi “ P^e. M^e. de telhas acima só
 Deos, e os gatos” Isto consta das Actas do Collegio da Graça em
 Coimbra ; e eis-aqui todos os estudos regulares do Sabichaõ J. A.
 de Macedo ! Tem lido muito ; porem o seu entendimento não tem
 a força necessaria para dar boa digestaõ ás ideas adquiridas ; e,
 mingoado em principios methódicos, pode dizer-se, que a sua
 cabeça he hum armazem onde está tudo a monte : a prova são os
 seus escriptos : J. A. escreve como respondia nas Escolas.

Re-enviaraõ-no em Férias a Lisboa,
 Donde por suas muitas gentilezas
 Logo para Leiria o degradáraõ.*

Musa do Amor, inspira-me os teus Versos,
 E conta-me a amorósa choradeira
 Que o degradado Heróe alli fizera
 Por huma exp'rimentada Donzellinha,
 No Convento de Cóz votada a Christo.

A Freirinha, raivósa da clausúra,
 Dava ao Démo o Convento e a Castidade,
 Quando entre os concorrentes n'huma grade
 Lhe deparou Amor no Heróe o Amante:
 E, mal que elle apontou a vista accesa
 Para o lascivo peito palpitante
 Da clausurada Láis, logo a Mestraça,
 Mil graças dando de Lampsaque ao Nume,
 Conheceo ter achado o que buscava;
 Pois de certos signaes que ella entendia
 Concluio que teria o seu Fradinho

* Tornando em Férias a Lisboa, foi recluso, e logo degradado para Leiria.

De hum Bóde-sementaõ, ou de hum Martinho
A desenvòlta-façanhósa-ardencia !

E, com meigo sorriso respondendo

Ao namorado olhar do *Heróe-matreiro*,

Elle todo enfiou, e ella cobrio-se

De pejo naõ, mas das vermelhas manchas

Com que úsa Venus de tingir as faces

Daquellas que se daõ aos seus prazeres.

Oh ! que doces-Freiráticos-collóquios,

Que ternas expressoès alambicádas,

Que juras amorósas re-soáraõ

Na primeira que a Sórora deo sosinha

Ao seu Amante venturósa grade !

Ella, movendo os ólhos mal-chorósos,

Onde scintilla o lume do dezejo,

Rotos os laços do importuno pejo,

Mil amorósas magoas repetia :

E, a seu vivo transporte abandonada,

O peito nú lhe arfáva suspirando,

N'hum tremor de prazer os ais dobrando !

Elle, c'o activo cheiro, da cassoula,

Os olhos re-virando, abrindo a bocca,

E os membros contorcendo, parecia
 Asinîmo animal virando o beijo
 Quando o fêmeo vapor lhe dá nas ventas!
 Quem dizer poderia as mágoas de ambos!
 Quem poderia expor com próprias tintas
 As scenas de furor, e de térnura
 Que alli abriu o férvido Appetite!
 *De hum a negra roupeta a dextra léva
 *Erguendo-a, e d'outra as fraldas delicadas;
 *Accende-se o dezejo, que se céva
 *Nas santas carnes com fervor mostradas: †
 A Sóror toda em ancias se derrete,
 O Heróe lamprea o Déz, sem largar bóla;
 *E em mais que nas bochechas se suspeita
 *Que a côr vermelha tinha desta feita! ‡
 A' quem, e alem das grades á-porfia
 Corriaõ dous Humanos-chafarizes...
 *Mas o que passaõ na manhan, e na sésta,
 *Que Venus com prazeres inflammava,

† Imitação de Cam na Est. 71ª. do C. 9º. da Lus.

‡ Imitação de Cam. na Est. 33ª. do C. 5º. da Lus.

*Inda quem não quizera exp'riminallo

*Póde com-tudo muito-bem julgallo.†

Já do Heróe, santamente namorado,
 Na rapáda cabeça não ferviaõ
 Outros cuidados mais do que a Freirinha :
 Porem qual, vendo os pomos, vendo as ágoas,
 Multiplica os dezejõs insoffridos,
 E arde Tantalõ em vaõ por saciar-se ;
 Naõ de outra sorte o Heroe, alem das grades
 Vendo tremer os pomos amoróso,õs,
 E lourejar as messes de Amathunta,
 Quanto mais o tocallos lhe he defeso
 Em frenesês de amor mais treme accêso :
 Até que de suór todo coberto,
 Espesso o sangue, o hálito apressado,
 Ancioso em peito, em membros derengado,
 Da Freira aos meigos ais seus ais prendendo,
 Com mesta languidêz se recostava
 Na cadeira, de-longe nada estranha
 A scenas taes, como esta que passava.

† Imitaçãõ de Cam. na Est. 83^a. do C. 9^o. da Lus.

Quantas artes Amor, que audácia inspira
 Dos seus Heróes no coração, na mente!
 E que estrondos, que pasmos cuida e tenta,
 De amor eiváda, huma cabeça heroica!
 A cêrca do Convento tinha huns múros
 Que púnhaõ medo ás pernas mais valentes;
 E, guardando a hortaliça das Donzellas,
 Sem corrente, nem trella, nem açâmo,
 Andava toda a noite fariscando
 Hum vigilante, rábido Rafeiro,
 Taõ grande, taõ feróz taõ indomavel,
 Que, se fosse trilingue, éra hum Cerbéro!
 Momentaneo silencio que succéde
 A's fadigas de amor, sublime emprega
 O Heróe, altas ideas revolvendo;
 *E, com novo vigôr espairecido, †
 Começando no rosto a affogear-se,
 Limpava o suor, que em bágas lhe corria,
 Quando abrio elegante estas palavras:
 “ Isto não pode ser: eu arrebeno

† Verso de Filinto Elysio, Tom. 5º.

- “ Com frenesis, com ancias, com dezejos!
 “ Quero entrar pela Cerca em alta noite;
 “ Quero chegar-te bem, quero hir-te á Cella...
 “ — Oh! quem déra! (responde-lhe a Freirinha)
 “ Mas os muros, e o Caõ, que he taõ raivosos?
 “ — Eu sinto hum fogo em mim que me devóra,
 “ (Insta o Heróe) eu ardo, eu desespero:
 “ Para me unir contigo nada temo;
 “ Os muros saltarei como huma péla,
 “ E matarei o Caõ.—Mas o Caseiro,
 (Disse a Sórór; dizendo, e suspirando)
 “ Mas o Caseiro ha-de accodir, e pode
 “ Estender o cajado, e derrear-te”
 Aqui ficou o Heróe embatucado!
 Mas logo seu Mentor o Desaforo
 Lhe suggerio remedio; e, mui risenho
 Encostando-se á grade, assim prosegue:
 “ Se o Caseiro accodir ao reboliço
 “ Tu podes serenar a tempestade;
 “ E, se o respeito não domar o bruto,
 “ Arranja-te com elle de algum modo,
 “ E faze-lhe as promessas que quizéres.

*Meio caminho a Noite tinha andado,
 *E as Estrellas no Ceo co'a luz alhea
 *Tinhaõ o largo Mundo allumiado,†
 Quando o Heróe cavalgou da Cerca os muros
 Com tanta intrepidez, tanto denòdo
 Como o fez Alexandre em Babylonia!
 Mas o maldito Caõ, que véla irado
 Nem que tivera Satanáz na pelle,
 Vendo o Ladraõ dos muros pendurado,
 Descido apenas, investio com elle.
 O Heróe, que, como Heróe, já por cautella
 Levava as fortes mãos ambas armadas,
 E as doutas algibeiras petrechadas
 Da brejeiral-seixósa-artilheria,
 Seu antigo exercicio renovando,
 Começou gentilmente a fazer fogo ;
 E seu Mentor, os tiros dirigindo,
 De hum golpe, com que zúne o ar vibrado,
 Estirado no chaõ deixou latindo
 O féro Canzarraõ esquadrihado.

† Cam. Lus. C. 2º. Est. 60ª.

O animal offendido, e furioso
 Tanto, e tanto latio, que aos longos échos
 Accodio o Caseiro ; e, se a Freirinha
 A correr, e a gritar o não previne,
 O Heróe mamáva huma cruel lombada !
 Mas, ao santo clamor estremecido
 Da desvelada Sórora, o Caseiro
 D'espantado ficou como tolhido !
 E o Heróe, mal que vio a Freira em campo,
 Largou armas prudente, e mui ligeiro
 Ao caminho da Cella metteo pernas,
 Deixando-a pela forma contractada
 Para domar o bruto com promessas.

Largos dias o Heróe encovilado
 Medicou com Freiraticos carinhos
 Dos dezejos o mal, de amor as febres :
 *Porem ah ! que o pezar terá firmeza,
 *Mas o bem logo muda a natureza !†
 E, fosse que o Caseiro, descontente
 Das promessas da Freira mal-cumpridas,

Divulgasse a nocturna cavalgada ;
 Ou fosse que a Fortuna, descuidada
 Da protecção do Heróe, n'alguma noite
 O expuzesse a alguns ólhos espreiteiros,
 Certo he que á-bocca-chêa se dizia :
 “ *Frey Joze Agostinho de Macedo*
 “ Quasi todas as noites pela Cerca
 “ Se vai metter na Cella de huma Freira”
 E foi tanto o rumor que finalmente
 Tomou cautella a Madre Prioriza ;
 E o Padre Provincial muito iracundo,
 *Vendo estas namoradas estranhezas,†
 Enviou rapidamente para Braga,
 Como em novo desterro, o *Heroe-saltante*,
 De manchada Vestal *rapado Adonis*.

Sobre as azas dos Euros procellosos
 Dos hórridos trovoens ao som trazida,
 Pluviósa cerração, que tolda os Astros,
 Não desce sobre os Mares taõ medonha
 O coração dos Nautas abafando,

† Cam. Lus. C. 3º. Est. 122ª.

Como esta com que Amor, por vez primeira,
Forçosa ausencia o Heróe atormentava !
Em mais de trinta legoas de jornada
Naõ teve trinta instantes de socego,
Que a saudade, e o furor, lhe affugentavaõ
Os prazeres de dia, á noite o somno ;
E a cada vóz que ouvia ja cuidava
Ouvir a sua Freira que o chamava !
Terrivel illusaõ! A coutadinha
Tambem se dava a-pérros, derramando
De ternissinas lágrimas hum rio,
Sem saber com quem tápe, ou cõmo, ou quando
O vaõ que *Frey José* deixou vazão !
Tudo elle cuida, e naõ lhe vê remedio !
Arde, gela, estremece, e desespera,
E unicamente a idêa o allivia
De achar em Braga o que lhe deo Leiria.
Chega em-fim ao lugar do seu destino,
E, mudo como hum tronco, apenas sólta
De-quando-em-quando huns intimos suspiros,
Amargos filhos da custósa ausencia !
Naõ achando rasoas, maneira, ou módo

De alliviar-lhe a pallida carranca,
 Deixaõ-no só: velóz o tempo voa,
 E elle, todo embebido em seus cuidados,
 Sem comer, nem dormir, recorda ancioso
 *Doces lembranças da passada gloria:†
 Té que, ouvindo cahir a mea-noite,
 Sólta hum agúdo grito, com que todos
 Québraõ os Frades o pesado somno
 Com que estendidos santamente roncaõ;
 E depois, a gemer, dest'arte exclama:
 “ Oh! triste Mea-noite, taõ diff'rente
 “ Daquellas que eu ja tive! Que destino,
 “ Inimigo dos Homens de talento,
 “ Te affugentou de mim, ditoso tempo?...
 “ Começava ind'agora na carreira
 “ De me fazer famôso, e Amor me abria
 “ Os meátos do cérebro estupendo,
 “ Onde devem ferver-me as Sciencias todas!
 “ Os prazeres do Corpo alentaõ a Alma:
 “ Agora aperreado, e consumido

† Cam. (mih) Soneto 18º.

“ Terei de recuar meus vastos planos ;
 “ Nem talvez poderei, como quizera,
 “ *Pôr do Velho Camões a cálva á-mostra* ;
 “ Nem malhar nos Sebasticos-Devótos ;
 “ Nem firmar-me no Mundo-Literario
 “ Assim como no Estreito de Messina
 “ Latrante Scylla, que ameaça horrenda
 “ Em seus latidos misero naufrágio.

Cançado de lutar nestas ideas,

*Os ólhos lhe occupou o somno acceito : †
 Eis sahe de se banhar no Phlegethonte
 O Desaforo ; e, abrindo as negras ázas,
 Orválha sobre o Heróe as igneas ágoas
 Do flammifero Rio temerôso !
 Com o orvalho infernal espairecido
 O Heróe acórda alegre, e vigorôso :
 Hé outro Homem ja ; ja não o opprime
 Descahida tristeza ; enthusiasmado
 Affrôxa a rédea aos férvidos dezejões ;
 E, graõ Carneiro de Humanas Ovelhas,

† Cam. Lus. C. 4º. Est. 69ª.

Fez tal estragação no Femeação
 Que não consta na velha, ou nova idade,
 Igual façanha de Sultaõ, nem Frade!
 Mas (prémio injusto de proezas tantas!)
 Ordem fatal, por brutas mãos cumprida,
 Sobre os heróicos pés mandou lançar-lhe
 Pezados ferros, que por longo tempo
 Cruel lembrança nos vergões deixáraõ!
 Podre Parelha d'estafado passo
 Vai rodando a Caléça chocalheira,
 E o encolhido Heróe de cabiz-baixo
 Observa os que o rodeaõ vigilantes
 Airósos Belleguins empavezádos,
 Que muito honrósamente o acompanháraõ
 Desde *Bracchara-Augusta* ate Lisboa.*

* Realmente, a prostituição aque J. A. reduzio huma Freira de Cóz, foi, alem de outros, o motivo do seu degredo para Braga; donde he mui verdade que por seus bons feitos veio de machos aos pés, fechado em huma sége, e cercado de Esbirros ate Lisboa.

CANTO VI.



*SEMPRE por meio d'horridos perigos,
 *E de trabalhos graves, e temores
 *Alcançaõ os que saõ da fama amigos
 *As honras immortaes, e os grãos maiores ;†
 E a Prenestina-Deosa tresloucada,
 Que a bem do Heróe c'o Desaforo havia
 Da antiga alliança renovado os laços,
 Posto que cegamente o protegia,
 Deixáva-o re-cahir nestes fracassos
 Por fazer inda mais soar seu nome.

Pallido o rosto, e os ólhos encovados,
 Apenas que chegou o *Heroe Macedo*
 Foi quasi da Cabeça em direitura
 Para hum profundo cárcere lançado,‡

† Cam. Lus. C. 6º. Est. 95ª.

‡ Foi-lhe rasgado o Hábito em plena Communitade, e logo o encarceráraõ.

Ao Mundo inteiro, e á luz do Sol vedado ;
 E onde só, em tocando ao Refeitório,
 Vinha hum Leigo servir-lhe de-má-mente
 A mesquinha ração taxada, e párca
 De mal-guizada, misera iguaria !
 Mas, quando mais ao-vivo em certo dia
 N'alma o feria a mágoa do castigo,
 Leigo nos trajés, e nos gestos Leigo,
 Em ar mui compassivo, o Desaforo,
 Depois de o consolar, e encher d'esp'ranças,
 Ao mais dicto ajuntou este conselho :
 “ Se Vossa Reverencia muito douta,
 “ Como he ja bem sabido, tem talentos
 “ Para abysmar o Mundo em Poesia,
 “ Agora, que esta'qui tanto á-preguiça,
 “ Porque não ha-de aproveitar o tempo
 “ Emendando os notórios destemperos
 “ De Luiz de Camões, *Poeta torto,*
 “ *E todo até o embigo, e os baixos prósa ;**

* Palavras formaes dos Solilóquios de J. A. porque as roubou do Hospital das Letras do nosso eruditissimo D. Francisco Manoel de Mello, o qual as applicou diversamente.

“ Que fez o Adamastor desmesurado,
 “ E outras sandices taes, que lhe ganháraõ
 “ De graõ Poeta sem justiça o nome?
 “ Emende-o, e ver-se-há subir na fama
 “ Como hum Poéta Epico chapado,
 “ Tendo a gloria de dar á Lusa terra
 “ Naõ somente a doutrina, mas o exemplo
 “ De huma Obra perfeita, e acabada ;
 “ E abrir os ólhos bem a alguns basbáques
 “ Que o Camões como Oráculo venéraõ.
 “ O arrôjo he grande, mas a empreza he nóbre,
 “ E a gloria naõ provem de acções vulgares :
 “ Fite sobre ella as miras do dezejo ;
 “ Para encovar Camões deite-se aos Mares,
 “ E cante em módo que envergonhe o Tejo.
 “ Cante, cante, meu Padre encarcerado ;
 “ Másse o Camões, que he *Cysne derrabado*.*
 “ Se quer tinta, e papel, eu trago tudo.”
 Co’ as fumaças da gloria empantufado,

* Assim o chama J. A. em seus Solilóquios, onde tudo he igualmente judicioso.

No proposto do Leigo o Heróe consente ;
 E, com phrase empollada, em pobre rythma,
 E as Epicas feiçoens arrevezadas,
 Ei-lo com pluma impávida estirando
O Domador do tímido Oceano :*
 E aqui lhe foi proveito o amor da Freira,
 E o caso atroz da deplorada auzencia,
 Com cujas saudosissimas lembranças
 Concebeo o ternissimo Episódio
 Da sua infausta Ignez, que taõ mocinha, †
 Por amor de hum Bargante-embarcação
 Despenhada do pico de hum rochedo,
 Teve o bom-gosto de dar pasto aos peixes ;

* Primeiro Verso do chamado *Poema Gama* de J. A. e taõ tímido como as suas bochechas : he por isso contra a regra da simplicidade na exposição, practicada por todos os bons Poetas ; porem J. A. não he desses.

† Esta Ignez de J. A. era huma guápa Mocetona, Amante de hum dos Aventureiros do descobrimento da India ; e, vendo que elle lhe abalava, foi-se pôr sobre hum penedo, declamando mui doutora, com muitas fúrias, imprecações, e amores alambicados, e delambidos, e atirou consigo ao mar, e foi-se. Porque ? Porque morreo : mas, a-pezar de ser boa Moça, e morrer desastrosamente, provóca tanto a riso, quanto a Ignez de Camões excita ao pranto.

Qual por Phaon se mergulhára outr'ora
Louca de amor de Lesbos a Cantora!

Já por mar-largo navegava o Gama,*
E o Heróe-Cantador ao Navegante
Mais alto que o Camões noventa braços
Tentava sobre a Fama encavalgallo :
Bem era dentro n'alma persuadido
De que lhe fallecia a força idónea
Para aos hombros tomar taõ grave empreza ;
Bem lhe accusava a inquieta Consciencia
(Mudo Censor a que ninguem se escusa !)
Que elle era no saber, e nos talentos
Taõ menor de Camões, quanto nas forças
Hé menos do que hum Boi huma Formiga :
Mas as Sócias fieis do Desaforo
Adulação, Maledicencia, Intriga,
Audacia, Presumpção, Perfidia, Inveja,
Laborando-lhe sempre no bestunto,

* A relambória Iñez mergulhou-se no fim do 2º. Canto, e he quando J. A. pôz o Gama fóra da barra de Lisboa; querendo, como *gravissimo Poeta*, guardar proporção entre a longura da viagem cantada, os preparativos da apoiadura cantante.

Varriaõ-lhe o temor pelo dezejo
 De fazer o seu nome bem fallado ;
 Embora o fosse com geral desprezo,
 Embora a maldicaõ fosse o seu fado :
 E ás-vezes que o receio lhe affroxava
 O indiscreto correr da leve pluma,
 Logo ellas porfiando lhe bradávaõ :
 “ *O’ Padre, d’escreveute fortaleza,
 “ *Da determinaçaõ que tens tomada
 “ *Naõ tornes para trás, pois he fraqueza
 “ *Desistir-se da cousa começada.”†
 E o Padre c’o conselho perigõso,
 Que as bõlhas da philaucia lhe empollava,
 Alentando a Gami-Epica mania,
 Em sentenças mui vaõ, mas mui verbõso,
 Sesquipedal, monótono entoava
 Puxádas trinta oitavas cada dia !

Passava hum dia, huma semana, e outra,
 E o Prelado insistindo em tello preso :
 Em vaõ busca amparallo alta Colúmna

† Cam. Lus. C. 1º, Est. 40º.

A quem delegou Pedro a piedade ;
 Contra ella, para exemplo dos culpados,
 As justiçósas Leys appella o Claustro.*
 Geme encerrado o Heróe fazendo oitavas ;
 E, ardendo em comichaõ escrevedôra,
 Tinha, dado á munhéca taõ ligeiro
 Que, em sons rouquinhos d'Epica-Bandúrria
 Nesciamente narrada a graõ viágem,
 Com mérito nenhum, trabalho pouco †
 Ja tinha em Calecut surgido o Gama,

Soberbo co'as oitavas que abortára
 Pula em todos os pés o *Heróe-cantante*,
 Mais que nunca no cárcere insoffrido
 C'o dezejo de andar no Mundo ás-soltas

* O Nuncio quiz valer-lhe ; maz os Padres obstáraõ, interpondo recurssõ na Corôa, e ultimamente o abandonáraõ á Justiça Secular.

† Com merito nenhum, trabalho pouco—porque o Infante D. Henrique, descido do Céu em socorro do Gama, lhe ordenou toda a derrota, e lhe predisse o bom exito da viagem : e deste modo fez J. A. nullo o character do Gama, que nada intentou per si, e que com taes certificados bem podia dormir descaçado, e a somno-solto, como parece que dormio pelas muitas vezes que sonhou no tal Poema !

Seus cascavéis-poéticos tinnindo
 Nos mui raros ouvidos que aturassem
 A insoffrivel leitura de seus cantos :
 Cantos no horror de hum carcere paridos,
 E á tréva maternal taõ parecidos !†

O' Socia valedôra em meus trabalhos,
 Que tantas vezes com teu mimo adóças ;
 O' Deosa que me dás as settas de ouro
 Com que, ferindo no alvo da virtude,
 Lhe multiplico o resplendor da gloria ;
 E que me dás o raio, a plumbeas settas
 Com que, dos montes da insolencia, abysmo
 No ludibrio os Phantasmas da Ignorancia !
 Naõ desfalleças, festival Camena :
 Repinica-me os Delphicos adúfes,
 E entoâ com desgarre, e desempenho

* Que J. A. zangarreou o Gama estando no cárcere, elle proprio o confessa no C. 10°. quando diz

*Privado d'alma luz doce, e serena,
 Entre ferros a vida atormentada,
 Foi meu alento divinal Poesia,
 Como a Baécio o foi Filosofia.*

Huns taõ lépidos versos, taõ facetos
 Que ao vivo exprimaõ o risível modo
 Com que o Heróe se evadio do captiveiro :
 Dirás depois os nobres exercicios,
 E os mais pasmósos feitos que fizera
 Ate que da Fradesca impertinencia
 Por Decreto Real se vio liberto.

Estava elle huma tarde mui calmósa
 De-cóstas sobre a barra, como outr'ora
 Costumava estirar-se o graõ Martinho ;
 Com o hábito singéllo sobre os couros,
 E esse mesmo abanando arregaçado ;
 Venus todos seus membros inflammava,
 Era todo elle na quentura hum forno ;
 E, a turva phantasia rescaldada
 De amorósas ideas enleando,
 Nas futuras conquistas cogitando
 As vindouras batalhas guerreava !
 Mas vendo o Desaforo o tempo idóneo
 De elle dever despir Fradescos trajos,
 Deo-lhe hum violento assôpro na cabeça,
 Deo-lhe outro no vazio “ Ai ! ai ! que dores ! ” ...

Grita o Heróe todo elle resolvido :
 Dóe-lhe a barriga, e fervem-lhe os miólos
 Em hum feliz tropel de alicantinas,
 Todas co' mui louvavel pensamento
 De se escapar do cárcere, espalhando
 Pelo espaçoso Mundo os seus feitios :
 “ Eu necessito de tres couzas huma,
 (Disse comsigo o Heróe barafustando)
 “ Seducçaõ, ou prisaõ, ou morte ao Leigo :
 “ Mas, para o seduzir falta o dinheiro,
 “ Ariete que fôrça as portas todas :
 “ Para o matar, ha risco de accodirem ;
 “ E, posto que as Theólogas-Pessoas
 “ Naõ possaõ ser na Forca penduradas,*

* Reinando o nosso D. Pedro Primeiro, hum Clérigo pensadamente matou hum pobre Pedreiro; e, sendo o matador (segundo a usual piedade do Clero) pelo theor da sentença meramente inibido de exercer os Ministerios sagrados, o Rei occultamente ordenou a hum Filho do tal Pedreiro, que matasse o matador de seu Pai; o que feito, logo o Moço Pedreiro foi preso, e sentenciado com pena ultima: entãõ o Rey “ Eu quero justiça igual: (disse) o Pedreiro, assim como o Clerigo, deve ser privado do exercicio das suas funções” e assim o deo solto, e livre com huma pensãõ bastante

“ Ainda que o mereçaõ mais que muitas
 “ Que là vaõ pernear ; sempre me exponho
 “ A ver-me em mais masmorra, e mais aperto,
 “ Onde talvez nem tenha o desafogo
 “ De arrebeçar meus Epicos embrulhos.
 “ Se eu pudesse prendello éra huma mina !
 “ Se eu pudesse...mas tá, que dei na fina :
 “ Tomára-o ja pilhar.” Neste comênos
 O Leigaça, na forma do costume,
 Dos feijões a tigella lhe trasia :
 Mal que o sente as çapatas arrastando,
 Como hum Touro no curro, o Heróe coméça
 A urrar, gritando c’huma dôr fingida :
 Apressa o Leigo o passo, e entra espantado :

LEIGO.

“ Padre Mestre, o que tem ?”

MACEDO.

“ Ai ! ai ! que morro :

para sua sustentação. Bom seria que houvessem, mais Reys Pedros ; e bem éra que quem tivesse as mãos profanas, não tivesse o pescoço sagrado.

“ Eu não resisto á dor.”

LEIGO.

“ Hé na barriga ?”

MACEDO.

“ Hé na barriga, sim : ai ! que arreberto.”

LEIGO.

“ Diga o que quer tomar ?”

MACEDO.

“ Quéro o bispote,

“ Dê-mo cá ja depressa.”

LEIGO.

“ Onde está elle ?”

MACEDO.

“ Aqui, aqui debaixo : ai ! minhas tripas !”

Em taes dictos, e pressas soçobrado

O Leigo ora vereis pôsto em giólhos,*

* Quem não quizer ler *óra* por agora, nem *giólhos* por joelhos, por ser drógas da antigualha, leâ

Vereis agora o Leigo de joelhos

e, repetindo hum e outro Verso, conheceraõ quaõ pouco basta muitas-vezes para melhorar a euphonia Metrica.

De-meio-corpo-acima ja mettido
 Por debaixo da barra, procurando
 O pedido urinol...Tempo opportuno
 Para qualquer das suas traficancias
 Nunca este Heróe perdeu : mal vio que o Leigo
 Não poderia levemente erguer-se,
 Salta da cama, sáhe-se da masmorra,
 Fecha a porta traz-si, dá volta á chave,
 Deixa o Leigo encerrado, e mette pernas,
 Com tanta rapidez nos calcanhares
 Como em campina rasa, estrada aberta
 Huma Lebre dos Galgos acoçada ;
 Ou como, c'o funil atado ao rabo,
 De orelhas baixas, e ganindo hum Gôzo
 Fóge da grita de folgoens Brejeiros ;
 Ate que ancioso, trémulo, esbofado
 Fez alto, olhando em-roda a tomar folgo
 De Santa Clara no vistôso Campo.

A vida dos Heróes sempre se téce
 De arrevezados lances : como o adorno
 Que elle melhor levava, éra nos hombros
 Hum cobertor de pápa mui çurrado

E hum lenço pelas frontes amarrado,
 Para tapar a c'roa ; a Rapazia
 Começou de apupallo como doudo ;
 E, jogando-lhe á Torre-do-Piolho,
 De algum malhaõ talvez lha derribassem,
 Se os Lacayos de hum Grande o naõ levassem
 Acolhido á decencia de hum palheiro.*

Farto de palha, e de temor curtido,
 O acobertado-Heróe a cada instante
 Cuida escutar os Frades c'os Esbirros
 Clamando “ He elle, bótem-lhe os anginhos,
 “ Que hum cárcere perpétuo o está chamando.”
 Mas eis que hum Mocho lhe recorda orneando
 Os sons que taes-e-quaes garganteava
 O seu Burro em Cassilhas predilecto ;
 Oh ! de que affectos a alma se lhe enlêa !
 Naõ foi de Midas ao orelhudo ouvido
 Do capri-pede Pan na gaita agúda

* Dizem que J. A. quiz matar o Leigo Carcereiro ; e ultima-
 mente fechou-o, cfugio, como digo, ate ao campo de S. Clara,
 onde o recolheraõ os Lacayos do Marquez do Lavradio.

Mais grata n'outro tempo a tangedella !
 Momentaneas gozou ideáes delicias ;
 Mas logo sobre opeito palpitante
 A tromba amazorrado descahindo,
 Cruzando as mãos, e os hombros encolhendo,
 Arrancou dous suspiros de saudade
 Por sua burrical, brejeira vida,
 Como os Judeos outr'ora no deserto
 Dos Pharaós o jugo suspiráraõ :
 “ Oh ! quem me dera (discorreo gemendo)
 “ Quem me déra, de Burros Presidente,
 “ Ver-me outra-vez senhor de trinta albardas !
 “ Que antes ser Burriqueiro venturoso,
 “ Que ser Frade, ser Sabio, e desditoso.”
 Nestas nobres ideas embebido,
 Ergueo-se a ver se o Macho em formusura
 Igualava tambem o seu Burrinho ;
 Achou porem que apenas lampejava
 Com tibia luz a sórdida lanterna :
 Vai a atiçalla...eis salta na grizeta,
 Do tamanho da luz que nella ardia,
 Hum Negrinho ; e ligeiro atiça, e volta,

E sahe, e cresce !...O Heróe de assombro cheio
 Não falla, nem se move, e a força toda
 Dos mais sentidos no da vista apúra :
 Sabia bem (pois ja na quelle tempo
 De muito poucas couzas não sabia !)
 Sabia bem que há Trasgos, que há Duendes
 (Em mui redonda letra acreditados
 Por malignos Ministros do Caròcho)
 E hum Trasgo presumio o tal Negrinho ;
 Porem elle cresceo, cresceo, e fez-se
 Tamanho Negralhaõ que topetava
 C'o revoltó cabello pelos tectos !
 Da cabeça nos hombros lhe descia
 Derrubado chapéo que lhos cobria ;
 Vermelha cinta o ventre lhe apertava ;
 E, compassadamente repicando
 Os roucos sons de bestial chocalho,
 Saccodio dous estouros de hum vergalho,
 E ao terceiro, cingindo-o nas costellas
 Do estremecido Heróe, largou-lhe os trastes,
 E desapareceo dizendo-lhe— Arre.
 Não sabia o Heróe qual era o Nume

Que lhe fazia o dom ; mas, recordando
As visões, e os influxos portentosos
Com que já tanta vez sahio de apertos,
Não duvidou que o Negralhaõ seria
O Genio-Tutelar que o defendia ;
E vendo nos aprestos claro indício
Do Arrieiral-convite, resolveo-se :
Armado como o Negro, e muito airõso
O Sócio cobertor montando ás costas,
E'os braços a remar, e a passos largos
Ei-lo arripia o cógnito caminho ;
Ei-lo vai do frugi-fero Alem-Tejo
Pela pulverulenta estrada estuõsa
Correr parelho a Arrieiral-Mestrança ;
Arte mui comesinha aos seus talentos,
E em que·houvéra talvez de ter bons lucros,
Se o sestro de furtar lhos não agoasse.

FIM DO 6º CANTO.

CANTO VIIº.

DESDE que o Mundo he Mundo houveraõ sempre
Para os grandes Heróes prodigios grandes.

Hia o terceiro Sol subindo a-pino

Depois que, muito lesto chouteando

Ao som teimôso do chocálho andante,

O disfarçado Heróe todo garrido

No Alem-Tejo campava ja famoso

De bestiaes-Partidas Commandante :

O Alem-Tejo no ardor, e nas arêas

Imita os climas áridos da Lybia,

Pela Tórrida-Zona effervescidos :

Tangendo mais de hum Macho, que gemia

Com carga de arriscado contrabando,

Que a hum certo Doutor Mendes pertencia,

Apertou-lhe o calor ; perto da estrada

Ruinôso resto de hum Palacio antigo

Nos rotos tectos off'recia abrigo

Contra as settas de Phebo igni-spirante;
Alli pousavaõ Aves agoureiras
Que aborrecem a luz, e as trevas amaõ;
E acoutavaõ-se alli alguns daquelles
Homens que velaõ quando os outros dormem;
Naõ a indagar das Sciencias o thesouro,
Contemprar em silencio Natureza,
E dar ao bem-geral vigalias suas;
Mas para despojar, talvez matando,
Quem góza em santa páz os bens havidos,
Ou quem, para os haver, trabalha, e cança!
Para alli o Heróe curvado avança,
Puxando a récua d'arreáta aos hombros;
E, o trem condicionando entre paredes,
Buscou onde melhor, mais ao comprido,
Quamanhos saõ, os óssos estirasse:
Foi dar n'hum quarto, que, inter-médio aos ou-
tros,
Só recebia a luz que lhe emprestavaõ;
Tropeçou, e cahio: c'o estrondo erguidos
Morcegos, Mochos, Noitibós, Corujas
Eis-lhe por-de-redór piando esvoaçãõ;

Açoutaõ-lhe co'as azas as bochechas,
 Que desde entaõ, ardidias, lhe ficáraõ
 Vermelhas como hum par de betarravas ;*
 Férraõ-lhe hum picada pela esquerda
 Na cavidade entre o nariz, e a face,
 E alli se lhe gerou torpe verruga
 Que ind'agora o caraõ lhe recomenda.†
 Atordoado o Heróe, fugio clamando :
 “ Maldito sejas Tu, e o contrabando,
 “ Maldito sejas sempre, ó Doutor Mendes ;
 “ Tu hes a causa desta corrióla,
 “ Porem eu te protesto ódio, e vingança.”
 Como o Diabo outr'ora na Serpente
 Para fazer cahir nossa Mãe Eva,
 Assim o Desaforo, e as Sócias suas
 No corpo destas Aves se infundiraõ
 Para enraivar o Heróe : daqui viéraõ
 Todas as insolentes parvoices
 Chusmadas na galé dos seus Folhetos

* J. A. traz sempre a cára, não córada, porem affogueada.

Tem-na pelo tamanho de hum grão de milho.

Contra o Auctor de *Mendes*, que ind'agora
Amuáda Thalia em Lysia chóra.*

Seu heróico andamento, e seus progressos

Seguia longamente o Desaforo ;

E huma das muitas aziágas horas

Em que hia mui de tromba, e mui chofrado

Porque o pilháraõ n'huma ladroeira ;

Com hum longo bordaõ, barbas crescidas,

Ruço chapéo, e capa remendada

(Como usaõ caminhar os ja Mestraços

N'arte chorôna de pedir por portas)

A passos muito graves caminhando

Com mui sisudo gesto se apresenta,

Praticando ao Heróe desta maneira :

“ De que vai triste Irmaõ ? Não se esmoreça :

* Antonio Xavier, desgraçadamente para o Theatro Cómico Portuguez, fallecido na flor da idade : foi elle Autor de huma Farça (alem de outras) intitulada—Manoel Mendes—obra excellente naquelle genero ; e de varias Comedias, as quaes, não obstante alguns defeitos, attestaõ por suas bellezas os muitos talentos de seu Autor : J. A. de todas disse mal, e tudo abocanha nos diversos, e indignissimos Folhetos em que tem babado as raivas de seu nescio orgulho,

“ Muito vérgaõ trabalhos ; mas ás-vezes,
 “ Quando mais a Desgraça nos persegue,
 “ Entaõ mostra a Fortuna os seus poderes ;
 “ E prisoens, nem degredos, nem fugidas
 “ Não podem aterrar a quem de longe
 “ Tem seu animo posto a couzas grandes.”

Com esta introducção o Heróe pasmado
 Logo crêo que naquella capa parda
 Mui grave Personagem se encobria !
 Mas bem como hum Rapaz (inda que o caso
 Succede muita vez com gente grande)
 Sabendo por ventura algum segredo,
 Pungido do dezejo de contallo,
 E retido por medo de huma sóva,
 Vai a querer fallar, e balbucia,
 Chega-se agora, e logo se desvia,
 Lança os ólhos d’esguelha, ri-se e rosna,
 Dá mil voltas sem tino, e anciôso argueja ;
 Por arte similhante o Heróe banzando
 O que diga não sabe, ou que resolva :
 Notando seu soçôbro, o Desaforo
 Assim prosegue “ Irmaõ, não se azaranze ;

“ Arréde os sustos de enfuscado enleio,

“ E confie-se em mim, que o amo a-peito :

“ Naõ lhe digo quem sou, nem he preciso ;

“ Mas digo-lhe que Vossa-Reverencia

“ Naõ tomou bom mistér no de Arrieiro,

“ E que eu posso accodir-lhe em seus trabalhos,

“ Se quizer acceitar os meus conselhos.

“ Seus incómmodos tem, mas tem proveitos

“ A sempre ociósa vida de hum Mendigo ;

“ Encolhido no manto da Pobreza,

“ Só capa alcança o que lhe fôra p'rigo

“ Se o litigasse ao brilho da Affouteza.

“ Por tanto, mude traje, e tome tento,

“ Siga meu norte, e ganhará fortuna.”

O Heróe, que vê seus feitos ja sabidos,

Téme de estimular o Conselheiro ;

E, volvendo mil cousas no sentido,

Assim responde “ Eu estarei por tudo,

“ Mas o que hei-de eu fazer ? Por toda a vida

“ Andarei nesse cáhos de remendos

“ Desconhecido á Fama, ignoto ao Mundo ?

“ Eu tinha projectado fazer bulha

“ Entre os Homens de Letras, escrevendo
 “ Mais obras do que dá hum Bode espirros,
 “ Posto que cada huma das taes obras
 “ Não valha mais que o espirrar de hum Bode.”
 Qual caõ goloso d’entre os dentes d’outro
 Safa, rosnando, o osso engordurado,
 Tal, nos beigos tomando-lhé a palavra,
 Inda apenas o Heróe—Bode—dizia ;
 “ Tudo isso eu sei (o atalha o Desaforo)
 “ E tudo assim será : maz, porque tenha
 “ O seu devido effeito esse dezejo,
 “ Mude de traje, venha ate Lisboa,
 “ E terá no Convento dos Paulistas
 “ Por minha intervençaõ bom gazalhado.*
 “ Não se envergonhe de vestir farrapos :
 “ Vergonha he hum Phantasma, que se enxota
 “ Por qual quer precisaõ : a vida Humana
 “ He toda sustentada pela industria ;

* J. A. depois que fugio do Cárcere, andou de Arrieiro na estrada do Alem-Tejo ; voltou a Lisboa disfarçado em trajes de Mendigo, e esteve homiziado no Convento dos Paulistas.

- “ Quem industria não tem, não tem juizo ;
 “ E o juizo he moldar-se ás circumstancias,
 “ E, de qualquer que vem, tirar proveito.
 “ Com Séneca pregar, ser Sybarita ;
 “ Ostentar de Cataõ, e ser Sejano ;
 “ Cúrcio louvar, seguindo Coriolano ;
 “ Dar mostras de ser Tito, e ser hum Nero ;
 “ E de Numa affectar sendo hum Mezencio,
 “ Eis-aqui cinco illustres Mandamentos,
 “ Eis-aqui o segredo milagrôso,
 “ Se não de ser feliz, de ser famôso.”

Nestes, e taes conselhos embebido,
 Já de bom-grado o Heróe todo se arrêa
 De vestes Mendicantes, e caminha
 Com o Irmaõ-Desaforo, practicando
 Sobre as suas passadas aventuras,
 Sobre as que mais teria, e mais que tudo
 Sobre o *Poema-Gama*, obra que teve
 Do Sócio—Desaforo inteiro applauso ;
 Com balôfas sentenças Aristarchas
 Notando largamente os disparates
 Que o Camões produzio no seu Poema,

Na divina Lusiada, há tres séculos
 Admirada, re-lida, e decorada
 Geralmente por doutos, e não-doutos ;
 Que as aureas explosões do altivo Engenho
 Férem até nos ólhos da Ignorancia !
 E as taes observações, e mil diversas
 D'igual jaèz, e cunho venerando,
 Tanto o Heróe as tomou, sem perder péla,
 Que assim as tem lançado em seus canhenhos.

Mas ja na Portaria dos Paulistas
 Os dous falsos-Mendigos, mui sisudos,
 Espéraõ a caldenta caridade ;
 E, porque o Desaforo hia ageitado
 Ao modo de hum Mèndigo com quem tiuha
 Devoçãõ hum dos Leigos do Convento,
 Em louvor do seu Santo lhe pedia
 Que dêsse á quelle Irmaõ naquella noite
 Occulto gazalhado, e ao outro dia
 De todo o caso elle a razaõ daria.

Agazalhado o Heróe, seguro, e farto
 Dormio, sem lhe importar que o mar roncasse ;
 *Porem tanto que lasso sé adormece

*Morpheo em varias formas lhe apparece:†

*Aqui se lhe apresenta que subia‡

Para huma fui formósa Livraria ;

E logo vê na Loja de hum Livreiro

Hum Mulato, que vende certos Livros,

E que vólta a entregar-lhe o seu producto :

Estendendo-se ancioso a recebello,

Quebra os laços do somno, e fica parvo

Naõ vendo livraria, nem dinheiro !

*Cuida que naõ he mais que sonho usado,

*Torna a dormir quieto, e socegado ;§

Mas outra vez os sonhos lhe afiguraõ

O mesmo tudo, e d'igual modo accorda !

Aborrece-se, emenda a cabeceira,

E torna a adormecer ; e ainda torna,

Por vez terceira, a succeder-lhe o mesmo !

Entaõ érgue-se, pensa, e acredita

Que há mysterio no sonho ; e nesta idea

† Cam. Lus. C. 4º. Est. 68ª.

‡ Cam. Lus. C. 4º. Est. 69ª.

§ Cam. Lus. C. 8º. Est. 48ª.

Sabiamente, a seu modo, discorrendo
 Tanto se envolve al-fim que perde o somno.
 Nem se enganou o Heróe, nem creõ de léve
 Que fôra o sonho seu mysterioso :
 Para os Heróes os sonhos são prelúdios ;
 Dest'arte o Desaforo lhe influía
 O que alli mesmo praticar devia.

*Rompendo pelo Ceo a Mãy formósa

*De Memónio, suave, e delectosa,†

Eis vem ter o Mendigo verdadeiro
 Com o Leigo-esmolér, que em-continente
 Ao seu cuidado-Irmaõ vai conduzillo ;
 E oh ! que jocósa scena alli se rompe !
 Pede o Leigo a razaõ do caso todo ;
 Relata o Heróe mil cousas, recordando
 Quanto passou c'o Sócio-Desaforo ;
 E o Mendigo, escutando estupefacto
 O verbòso aranzel de acções não suas,
 Nega a-final ter sido companheiro
 Daquelle gordo-grúlha, ou ter sabido

† Cam. Lus. C. 9º. Est. 51ª.

Das cousas que dizia, e muito menos
 Das mais de que a razaõ lhe pede o Leigo!
 O Heróe, de tal resposta estimulado,
 *Hum pouco carregando-se no vulto,
 *Dando mostra de grandes sentimentos,†
 O bordaõ mendicante ergueo raivoso ;
 E, hindo a descarregar, achou d'encontro
 O outro bordaõ rival : accode o Leigo,
 Para dar, e tomar razões sobejaõ,
 E rompem todos tres n'huma algazára
 Que nem que os investisse hum Caõ-damnado !
 Eis-aqui por quaes artes naõ cuidadas
 A Fortuna protege os seus mimósos !
 Foi ella que enviou neste entre-mentes
 A' quelle sitio hum Padre do Convento,
 Que ao sarrabulho accode, entra, e conhece
Frey Jose Agostinho de Macedo!
 E, sem mais inquirir o que he passado,
 Léva-o comsigo só ; e seus Confrades
 Tanto os move a Fortuna, que concórdaõ

Em consentir o Heróe homiziado.

Porem elle, que nunca do sentido
 Se lhe varria ó sonho das tres vezes ;
 Em tomando confiança, pedio lógo,
 Que o deixassem entrar na Livraria
 Qualquer occasiaõ de noite, ou dia
 A ver, e a revolver quanto quizesse,
 Pois quer aproveitar no estudo o tempo
 Que entre aquellas paredes se acoutava :
 De boa-mente os Padres lho concédem,
 E mais por verem que de-affinco ás vezes
 N'hum dia hum grande Livro devoráva,
 E n'outro dez quadernos escrevia !
 Ja, do bôlo senhor, o Heróe levava
 Livremente alguns livros para a cella,
 Os Padres engodando co'as amostras
 Dos fructos que brotava o seu talento :
 Hoje hum livro de Horacio traduzia,
 E amanhã dous mil versos da Thebaida !
 Té que hum dia amostrando o seu Poema,
 Nescios lho approvaõ, Sabios lho rep'ndem :
 Mas elle entaõ, parar córar o arrôjo,

Fez huma cousa arremedando a Ode,
 E chamou-lhe Pyndárica, dizendo
 Que louvava o Camões ; posto que ao vella
 Pode mui justamente duvidar-se,
 Se quiz louvar Camões, se a si louvar-se.*

Assim passava, quando por acerto
 Foi dar de-cara-a-cara nas cloacas
 C'hum Homem, cuja cor de saragoça,
 Cujas feições, e gestos eraõ todos
 Daquelle que por sonhos vio tres vezes
 Dar-lhe o dinheiro dos vendidos livros :
 O Heróe com muito heroica retentiva,
 *Depois de ter hum pouco resolvido†
 Na mente o sonho todo, e seu mysterio ;
 Reconhecendo o téttrico vidõho,
 Endireita-se a elle mui risonho,
 E diz-lhe varias cousas, concluindo

* Haja vista á tal chamada Ode Pyndarica, impressa junto ao *Poema Gama* ; e, se he verdade que *ex digito Gygas*, pela Ode poderá avaliar-se o Poema.

† Cam. Lus. C. 9º. Est. 19ª.

Que fosse á sua cella ; por engòdo
 Dando-lhe alguns vintens, saudòso resto
 De quantia maior, de harto dinheiro
 Que na estrada ganhou como Arrieiro.

O mofino Dinheiro vence tudo !
 E o fúlo Malandrino, alliciado
 Pelo primeiro intróito, he logo prompto
 Para os livros vender que o *Vate Ex-Frade*
 Furta com estro Epico-gatúno :
 E ja, de huma janella pendurados,
 Calcorria com elles por bom preço,
 E huma vez, e outra vez, vai, vende, e torna
 Para a Loja do *Rey*, que em tempo avante
 Foi forçado a repòr. Porem no-em-tanto*
 A Fortuna, lembrada do contracto
 Que celebrou c'o amigo Desaforó,

* Realmente o Livreiro *Rey*, que (sem saber cujos elles eraõ) comprou os livros que J. A. furtou dos Paulistas (e os quaes, como digo, pendurados de huma janella em hum cesto, elle os passava a hum Mulato, que os hia vender,) teve de os repòr, e perder o seu dinheiro ; por que J. A. ainda naõ quiz, ao menos na parte possivel, emendar a patifaria, pagando huma divida tío desaforádamente contrahida.

Achou assidua intercessãõ pod'rósa
 Com que poude mover pela piedade
 O Regio Coraçãõ, nada informado
 Da usual-rapinante-habilidade
 Do fugitivo Heróe homiziado,
 Que sahio, por Decreto, sòlto, e livre;*
 Salvo dest'arte ás únhas vingativas
 Do graõ Provincial dos Agostinhos.

* J. A. Sahio por hum Decreto da Senhora Dona Maria Primeira, e só entãõ he que os Padres deixáraõ de o perseguir.

FIM DO 7º CANTO..

CANTO VIII.



*DE tamanhas victorias triunfava †
O rapinante-Heróe Poeta-Ex-Frade,
 Quando, por vez primeira, de casáca
 Apparece em Lisbôa, mui lampeiro
 Bairro-e-bairro correndo, e rúa-e-rúa,
 Como corre hum Podengo mouta-e-mouta
 Ao fáro de cevar em sangue os dentes :
 A vida era folgada, mas a bolsa
 Ja folgáva demais, que os vintensinhos
 Da muito dizimada Livraria
 Quasi ao ultimo X. eraõ chegados !
 Porem como em seus últimos apúros,
 Quando mancáva em arte o Desafóro,
 Sempre a Fortuna lhe estendia ampáro ;
 A tímida bochècha envernizando-lhe

† Cam. Lus. C. 3º. Est. 83ª.

Da complacencia c'ò affectado júbilo,
 Deo-lhe ázo de se unir aos Editores
 Do copiòso Jornal-Encyclopédico ;
 Naõ como Sócio-Autor (que nenhum delles
 Era escriptor, nem louvador de Gamas)
 Porem como aguçoço Amanuense,
 Que logo fez progressos, empunhando
 Na Eschóla do A B C. sem arte a pluma :
 Daqui lucrava o necessário, e tempo
 Tinha para lançar de-quando-em-quando
 Mais huma pedra no edificio horrendo
 Do seu *Poema Narrativo—O Gama* ;*
 Ou para estropear, vertendo, as Odes
 Do Mestre Horacio, ou esfriar o fogo
 Dos Versos da monótona Thebáida ;
 Obras de seu primor, e em que esgotava
 A vèa do riquissimo talento
 Com que julga inferior Virgilio a Stácio !†

* Hé o próprio titulo que J. A. lhe deo.

† Já por esta mania lhe disse Bocage em huma Sátira, a que por elle foi provocado :—

Usa a Fortuna, desvairando, irar-se,
 E dar ao seu descúido os que não sabem
 Todas aproveitar com sòlta véla
 As auras em que assópra os seus favores ;
 Mas, quando dos caminhos fortunózos
 Desvía o Desafóro os seus Alumnos,
 A céga-Prenestina-Divindade,
 Abrindo-lhes viéla a nóvas ditas,
 Embórca a-fròxo o Corno de Amalthéa !
 O *Epico-Amanuense* muito nédeo
 Em fausta, e repousada medianiã
 Desperdiçava o tempo a seu bom-grado ;
 A presumpção garbósa reluziã

Insultas a grandeza, a immuidade
 Do eterno Mantuano, e dás a Stácio
 Hum gráo que entregue ao Deos, que ardendo em estro
 De Thébas o Cantor tentar não ousa,
 Quando á Musa da Morte enfrèa os vôos,
 E quer que a Encida cá de longe adóre.*

* *Nec Tu divinam Aeneada tenta,*
Sed longe sequere, vestigia semper adora.

Nas suas vermelhissimas bochêcas,
 Soberbo de se ver intrincheirado
 Com grossos calhamaços de poesia,
 Ditósa prole de seu bom bestunto!
 E com tóque, e re-tóque, e malho, e lima,
 Da Audácia nas bigórnas trabalhado,
 E'pico aborto, e sua obra-prima
 De oitavas o seu Gama apontoádo,
 Da perfeiçãõ ja no ápice tocava!
Macedo era feliz, vivia alegre,
 Quando, para se ver em novas ancias,
 Vio hum dia (ou por caso, ou por descúido
 Pòsto como de maõ) hum bom relógio
 Que he de hum de seus Patrões, os Editores:
 Logo a Reminiscencia; recorrendo
 Da Memoria os aéreos corredores,
 Lhe accodio co' a lembrança de seu dono;
 As consequencias de o roubar prevendo,
 Logo tambem a Reflexãõ lhe accóde;
 Mas o Appetite atéza-lhe o cabresto;
 Desdenha, como Heróe, fugir do p'riço;

E finalmente resistir não pode
A' grande tentação, e ao vézo antigo.*

Por mais ligeiro de únha que de penna
Eis-ahi outra-vez tomando os ventos
O Heróe depòsto, e com infamia expulso ;
Nem de outra sorte o quer o Desaforo
Que a maiores acções o está chamando ;
E já posto em conselho co' a Fortuna.

“ Este meu prezadissimo Retrato,
“ Meu espantòso Alumno, o *Heróe-Macedo*
“ Deve empregar (dizia o Desaforo)
“ Deve empregar seu efficáz talento
“ Dando algumas lições á Mocidade
“ Da sua sapiencia, e seus costumes :
“ D' aqui recolho eu hora, e Tu proveito ;
“ Bem vês quão raramente os teus altares
“ C' os votos da Virtude se povôaõ,
“ E, quando dá o pêco em meus Alumnos,

* He mui verdade que J. A. depois que começou a passear secularizado, foi Amanuense dos Editores do Jornal Encyclopédico, os quaes o expulsaraõ pelo roubo de hum relógio, e não sei se de algo-más,

“ Faltaõ logo á Fortuna os sacrificios ;
 “ Pois, ó Deosa, com fausto seguimento
 “ Nosso antigo tractado se mantenha :
 “ Na *Calçada do Combro* ha hum Eschóla
 “ Onde, para aprender Primeiras Letras,
 “ Concorre inda mais basta a Rapazia
 “ Do que vòaõ Pardáes n’huma seára ;
 “ O Mestre, que he Casado, ja se cança
 “ De aturar tanta Lesma, a de-bom-grado
 “ Talvèz accitaria hum Substituto ;
 “ He necessario pois fazer que accite
 “ *Meu Alumno Macedo* : a teus podères
 “ Tudo he facil, ó Deosa : em Ti confio.”

Hé rápido o querer da Divindade :

Eis ja sobre a Cadeira mui direito
 O Heróe, com Professòra gravidade,
 Pergunta, salteando, a Taboáda ;
 E muito mais ãireito, e mais sevéro,
 Bruta carranca descahindo irada,
 E’o furor da sanhúda Hypocrisia
 A’ tremente, espantada Rapaziã
 A Doutrina pergunta, que não segue,

Por não seguir nenhúma ; ou ser taõ boâ
 Que, não éraõ passados quinze dias,
 Ja tinha feito a Eschóla outra Sodôma,
 O exercicio de Láis dádo á Criada,
 E, se fóra o não poem, talvez que a Mestra
 Passasse de Lucrecia a Messalina !*

Andava neste tempo accèsa a guerra
 Entre a Malta de *Alfama*, e *Bairro-Alto*,
 Gigantes Campeões afragatados,
 Miqueletes revéis, cujas façanhas
 Em Macarróneo Metro celebradas
 Tem dado assumpto a hum par de gargalhadas ;†
 E no sitio da *Pènha* aos dias-Sanctos
 Com poitas, e com fundos de garrafa,
 A-dente, á-únha, á-bordoáda, a ferro,

* He taõ verdade o haverem existido estas Perssonagens, como
 o ter J. A. sido substituto em huma Eschola de Primeiras Letras,
 na *Calçada do Cõmbro* ; e foi posto no andar da rúa, porque, de-
 pois das proêzas indicadas, ja tambem (dizia o Mestre) lhe andava
 ao cheiro da Mulher.

† *Bairraltenses*, *Alfamiade que Rapazi*,
Utraque gens præstans moquète potens que calháo.

Latindo taõ raivózos como hum Perro,
 Travávaõ cruentíssimos combates ;
 Naõ que morresse algum, mas abundavaõ,
 Entre o furor de punhos, e pedradas,
 Bólas partidas, ventas esmurradas !
 De huma das taes Guerrilhas tinha o mando
O General-Luneta, Homem provindo
 De linhagem illustre, e por seus séstros
 Entre a mais brejeiral, çáfia cambada,
 Entre a relé mais pifia confundido ;
 E por seus Capitães éraõ com elle
 Claros Pimpões, a flor da Pangayáda !*
 Dó rumor de seus feitos attrahido
 O Heróe, por se acostar aos ja famózos,
 Com estes se lançou, propóndo em mente
 Ser de novos Achilles novo Homéro ;
 E, segundo o que ensina antigo Adágio,

* Bem sabida, e bem falláda foi em Lisboa a guerra da Rapazia no sitio da *Penha de França* ; e muito mais depois que nella entráraõ o *General Luneta* (Dom Th. d'A ; cujo Rival no Generalláto éra hum façanhoso Pretalhaõ) e alguns outros, que, pôsto serem geralmente havidos em ruim conta, nunca se esperou que chegassem a tanto.

Como—Quem a bôa árvore se chega
 O cóbre bôa sombra—em tempo breve
 Os fructos vio de taõ heroica alliança :
 Por estes nobres Chefes apoiádo,
 Trepando na Cadeira da Verdade,
 Começou a soltar primeiro os diques
 Da Sagrada Eloquencia ás-escondidas ;
 Que dèste, e dos mais Sácos Ministérios
 Estava, como Apóstata, inhibido ;*
 Porem logo a Fortuna protectora
 Lhe deparou valia com que obteve
 Licença de prégar ! Os sanctos Templos
 Estremécem de ouvir sanctas Doutrinas
 Pela nefária bocca profanadas
 De hum maligno gahaõ, sector d'insanias,
 Ferrenho turpador de Leys, e de honras,

* Os primeiros Sermões de J. A. não somente foraõ prégados ás-escondidas, mas foraõ-lhe havidos por intervençaõ do *General Luneta*, e de seus Sócios, com quem diáriamente J. A. arranchava á bebedeira ; e ainda hoje, de todos os Ministerios sagrados, só pode exercer o da Prédica ; estando aliás completamente irregular, pr. q' não pertence a Congregaçaõ alguma, não tem obediencia a Prelado, e ate *ex defectu Patrimonii*.

Apóstolo de lúbricas torpèzas !

Os ethéreos cabellos destrançando,

De dó rojou o manto a Piedade,

E, de pejo co' as maôs cobrindo o rosto,

Fugio de ouvillo !... Porem elle, inflado

De audácia, e presumpção em vóz, e em gesto,

Prorompèò neste emphático discurso :

“ Agora estou na tinta ; como eu posso

“ Ganhar dinheiro por gritar em alto,

“ Ja volta me não daõ meus inimigos :

“ Tenho agora de officio o fallar muito,

“ E muito fallarei, porque he meu gosto ;

“ E protesto não ter toda Lisboa

“ Quem falle mais doque eu ; pois não me ganha

“ Na rijeza da vóz huma Cigarra,

“ Nem ella pelo Estio estrúge os campos

“ Como eu hei-de estrugir os meus ouvintes.

“ Bem sei que hei-de dizer o que não sinto,

“ E hei-de ensinar virtudes que não tenho ;

“ Mas, como isso dá lucro, hé quanto basta :

“ Da violencia que soffro na empreitada

“ Desfórra tirarei, não estudando

- “ Nem somente hum Sermaõ ; e nisso mesmo
 “ Talvez áche proveito, em ter desculpa
 “ Quando disser asneira mais machucha :
 “ Nem me ha-de faltar vez em que eu empregue
 “ A Palavra Sagrada, e o Lugar Sancto
 “ Em nutrir as paixões que me devóraõ ;
 “ Quando eu orar, se por ventura minha
 “ Alguns meus inimigos me ficarem
 “ Do Púlpito defronte, hei-de vibrar-lhes
 “ Sacras fulminações, hei-de apontallos
 “ Como impios, dissolutos, libertinos
 “ Para o Ceo, para o Throno escandalózos,
 “ Por ver se assim os faço ao Vulgo odiózos :*
 “ Este gostinho só, vale o cansaço
 “ De quarenta Sermões, e a esmóla delles ;
 “ Lancem-me embora os erros meus em rosto,
 “ Que eu não quero o que he bom, quero o que
 eu gósto.
 “ Que eu seja na Invençaõ mesquinho ou nescio,

* Ha muito quem saiba, e ate quem ouvisse destes profanissimos desvios Oratorios de J. A. e especialmente a escandalosa apóstrophe que na Igreja de S. Paulo dirigio a Antonio Xavier, o mesmo de quem fallei no Canto 7°.

“ E na Disposição desordenado,
 “ Na Elocução impróprio, secco, e rude,
 “ Falho em Memoria, e na Pronúncia ingrato ;
 “ Que faça os meus Exordios taõ compridos
 “ Ou mais que a Narração ; que não confirme ;
 “ Que faça divisões, e perca o fio ;
 “ Que entre nas provas, e não dê nenhuma ;
 “ Que mal refúte, e que peor peróre,
 “ Tudo isso he bagatella : em misturando
 “ Com quatro láivos da Profana Historia
 “ Dous preceitos da Sacra ; em alterando,
 “ Quando preciso for, qualquer dos Textos ;”
 Em trazendo algum simil des-usado,
 Inda que bem não cáse ao mais que eu diga ;
 E ataviando tudo, e atando em mólho
 Com phrases empolladas, e seguidas,
 Inda que sejaõ vans ; gritando sempre
 Ate enrouquecer, e estar suado ;
 Camparei entre a turba dos pexótes,
 E certo estou de grangear o nome
 De Prégador chapado. De óra avante*

* Quem tiver ouvido J. A. e soubei entender o que ouvir, achará mui verdade o exposto relativamente ao seu módo predicando.

Ter tento em não calar, e vida-gróssa ;
 “ Que, em quanto houver Festeirós, e Irman-
 dades,

“ Terá sempre tostoês *Macedo o Ex-Frade.*

Os dictos dos Heróes não são baldados :
 Melhor que o disse, o fez *Heróe Macedo* ;
 E, por intervenção de seus Patronos,
 Crescendo o Pregador em nomeada,
 Apenas tiuha guélas que pudessem
 Dar vazaõ ás devótas encomendas !

Angélica no-em-tanto, já viúva,
 Andava por Lisboa lazarando,
 Não tendo com que mate a crúa fome,
 Nem com que cúbra as carnes maceradas !*
 Podia ter o amparo de seu Filho,
 Mas elle não lhe dóe sua miséria ;
 Ja na pouca-vergonha calaceiro,
 Surdo aos maternos ais, em longos bródios
 C’ os *Generaes do Exército da Penha*
 Gasta o que lucra em alta berraria !

* Hé sabido que andava pedindo esmóla.

Nem somente a miséria consumia,
 E o filial desprezo amargurava
 A miseranda *Angelica*: taõ fundas
 Lança o materno-Amor suas raizes,
 Que, de tantas angustias opprimida,
 Inda mais a magôa o ver seu Filho
 Avezado ás nocturnas emboscadas
 Que daõ tanto habitante ao *Limoeiro* ;*
 E ver que préza tanto os bons escriptos,
 Que até da Livraria Franciscana
 Cortou alguns Sermões a-canivéte !†

Mas tudo isto eraõ feitos escondidos,
 E os Heróes, que na Fama tem seu fito,
 De alardear em público se aprazem.
 Já de Sancta Izabel na Fregueria
 Atravessando a turba rezadora,
 Qual vai hum Caõ por vinha vindimada,

* Diz-se que J. A. tambem foi rancheiro da cóva de Cáco.

† Inquiria-se o Padre Bibliothecário de S. Francisco da Cidade, e elle amostrará huma collecção de Sermões Italianos, dos quaes J. A. na verdade cortou acanivéte ; e diz-se que o mesmo fizera a outras Obras.

Co' a esmola do Sermaõ vinha sahindo
O Poeta-Orador, Macedo o Ex-Frade
 Quando topou *Angelica*....assombrado
 Quiz voltar, mas não poude; e ella mui branda
 A' triste petição de algum soccorro
 Unio alguns, que por prazer lhe dava,
 De boa Mãy suavissimos conselhos:
 Porem elle, assomado acreditando
 Desdouro seu aconselhallo a Velha,
 Começou todo a estremecer de raiva!
 Este impeto lhe dava o Desafóro;
 E, por sua influencia, alevantando
 Contra a misera Mãy as mãos malvadas,
 Deo-lhe hum grande empurraõ, e foi-se an-
 dando.*

Novo Orestes, das Furias avexado,
 C'o peso do seu crime anciõso corre,
 E vai depôr a mágoa deste encontro
 No seio de huma sórdida Michella,

* Impossivel parece; mas não he ficção poética, he huma escandalosa verdade.

Obscena Barragan, venál Rameira
 Que no fétido *Beco dos Beguinhos*
 Tinha o seu Lupanar; e onde impudente,
 Por antiga affeição ao bruto Alcouce,
 Chafurdava encharcando-se, e sorvia
 Tórpes prasères de vendido affago:
 Nem lhe era novo alli achar o allivio
 Contra as mágoas do lúbrico desfecho;
 Logo ao nascer os Fados assellaraõ
 Que ésta nova Barina, e naõ formósa,*
 Roubaria os affectos deslavados
 Do *Ex-Frade Garanhaõ*, que ja n'outr' ora
 Ao *Caracól da Graça* fez por ella
 Muito heróicas sortidas do Convento;
 E óra, deixando a Mãy morrer á fome,
 Com ella consumia os çujos cobres
 Que dos bródios da *Penha* lhe sobrávaõ.†
 De mais para melhor o Desaforo
 Hia exaltando o Heróe; mas novamente

* Veja-se a Ode 8ª do L. 2º de Horacio.

† Tudo isto são verdades.

Suas infernaes Sócias convocando
 Adulação, Maledicencia, Intriga,
 Audacia, Presumpção, Perfidia, Inveja,
 Dest'arte lhes fallou “ Hé vindo o tempo
 “ De eu receber de Vós o extremo auxilio,
 “ Para subir ao pico da insolencia
 “ Meu Alumno Macedo : o que elle há feito
 “ Já não parece pouco, porem deve
 “ Os limites passar de toda a esp'rança.
 “ Antes que todas, Vós Intriga, e Inveja
 “ Deveis estimulallo por maneira
 “ Que aborreça, e dezeje o perdimento
 “ De todos quantos são seus superiores
 “ Nos bens, ou na virtude, ou no talento ;
 “ Em-modo que, por sède de vingança,
 “ D' Espião-Delator o emprego tome,
 “ E receba salário : e Tu, Perfidia,*
 “ Farás que vá maligno, e caviloso
 “ Dar falsas delações até de Amigos :
 “ Maledicencia, Tu, dicta-lhe, e escreve

* Há quem saiba ate quanto éra o tal salar.

- “ Mil solturas de phrases populares,
 “ Com impropérios mil, mil invectivas
 “ Contra em particular certas pessoas,
 “ E em-geral contra vivos, contra mortos,
 “ Doutos, e nescios, naturaes, e estranhos :
 “ Nem Tu, Adulação, sómente debes,
 “ A seu uso, inspirar-lhe os da lisonja
 “ Vocabulos servís, quando practíque
 “ Com quem tenha o poder da governança ;
 “ Mas, entre as várias producções que aborta
 “ Dignas delle, e de mim, influe-lhe a idea
 “ De alguma obra que em lisonja excèda
 “ Tudo o que produzio de mais nojòso
 “ Nas Eras más a depravada Roma ;*

* Veja-se a Dedicatoria do *Poema Gama* : qualquer que seja o seu objecto, ella he supremamente ridicula, e e nojòsa, porque tras-cála á mais servil, impudente, e odiòsa lisonja ; e os seus gabos seriaõ sempre exaggerados, hyperbólicos, e insoffríveis, ainda que fossem dirigidos a Friderico 2º grande Rei, Filósofo, e Poeta : ella he hum abono da sentença do Legislador do Parnaso Francez

*Un Poème insipide, et sottement flatteur
 Dishonore à-la-fois le Heros, et l'Auteur.*

BOILEAU, Sat. 9.

“ E Vós, Audacia, e Presumpçaõ, que tendes
 “ Tomado de seu genio inteira posse,
 “ De modo o regulai que se enfureça
 “ Havendo quem lhe affronte, ou note, ou negue
 “ Seu saber, suas obras, seus talentos ;
 “ E, cuidando aterrar seus inimigos,
 “ Vário em composições como em costumes,
 “ Após de humas vá outras enfiando,
 “ Bem como úsa enfiar os rebuçados
 “ Quando de em-vaõ prégar está ja rouco.
 “ O mais, que falta aqui, tomo eu a-cargo
 “ Co’a Fortuna, com quem travei alliança ;
 “ E, feito tudo assim co’a diligencia
 “ Com que usais de servir-me, eu vos protesto
 “ Que elle, antes de contar os onze lustros,
 “ Ha-de ser em Lisboa taõ fallado
 “ Como o costumaõ ser as grandes prágas ;
 “ Bem que as pragas ao Mundo flagellado
 “ Costumem ser de lagrimas assumpto,
 “ E que a *Praga-Macedo* excite o riso,
 “ Misto de indignaçãõ e piedade,

“ Em toda a gente que tiver bom-siso,
 “ Seja embora Marquêz, ou Duque, ou Frade.”

Desmanchado o terrífico Conselho,
 Buscaõ todas o Heróe ; e a-hum-tempo todas
 Com dobrado furor do que tomáraõ,
 Quando no taboleiro o visitáraõ,
 No coração entrando-lhe e nos téstos,
 Inda mais o azoináraõ do que azoinaõ
 Ao Sol-pòsto o cançado Caminhante
 N’hum charco, e n’outro charco as Rans ralando.

Cómo fogo em materia combustivel,
 Ou como a peste quando ladra o sîrio,
 No toutiço do Heróe lavrando o influxo
 Da caterva infernal, com pio zelo
 Tantas accusações tinha ja feito
 Quasi como de crimes commettera !
 E o seu bom valedor, e honrado Amigo
 Sepúlveda, que o tinha agazalhado
 *Com todo o bom e honesto tratamento,†
 Sepúlveda, por crimes nem pensados,

† Cam. Lus. C. 2º. Est. 13ª.

Em seus labios traidores ja merece
 Pena, prisaõ, degredo, e talvez morte! *
 Mas com riso maligno a cêga Deosa
 Folgava de estender dourada cápa
 Sobre seus desacertos, e seus crimes ;
 E Rebello, inda ignáro de taes feitos,
 Por seu brando character bem-fazejo
 Lidou, e conseguiu sacar-lhe Carta
 De Regio-Prégador : entaõ crescêraõ †
 O seu nome, e os seus lucros, passeando
 De baixo deste titulo amparado
 Contra todo o precalço ; o Heróe gozava
 Mais abastança em bens, mas não mudava
 De character, de genio, ou de costúmes ;

* Muíta gente sabe, e ate existem testimunhas que foraõ chama-
 das por occasiaõ da falsa-denuncia que I. A. fizêra perante o Mi-
 nisterio contra o Doutor Sepulveda (ja fallecido) que alem de ser
 honrado Homem, tinha aberto a sua casa, e as suas mãs em bene-
 ficio do seu Accusador.

* O Monsenhor Rebello alcançou a I. A. Carta de Pregador
 Regio, porem I. A. taõ mal lho agradececo, e com tanta pravi-
 dade continuou aconduzir-se, que seu ingenuo Protector chegou á
 arreponder-se de o haver sido.

E ingrato á mã de que estes bens houvera,
Como com todo o Mundo odiòso, e ingrato,
Tal foi sua maldade, e o rumor della
Que ate, correndo tempos, a Fortuna
Cançou de apadrinhallo, e abandonou-o
Entregue a seu Mentor o Desaforo.

FIM DO 8º CANTO.

CANTO IX°.

EM quanto da Fortuna a meiga aragem
 Infúna do Dezejo as soltas vélas,
 Levantados nos hombros da Soberba
 Laurèa o Desaforo os seus Alumnos ;
 Porem quando a Fortúna irada assopra
 No pégo do Desprezo entaõ soçóbraõ :
O Ex-Frade-Pregador, que neste emprego
 Campava por Lisboa erguido em palmas ;
 No azougado miolo entrou-lhe o sestro
 De figurar tambem como Poeta ;
 E, porque só a magra Academiã
 No estítico Almanak á luz lhe déra*
 Humas tantas Poéticas miudèzas
 Mais ruins entre as más de seu contexto ;

* O Almanak das Musas, onde vinbaõ inseridas algumas insignificancias-Metricas de J. A.

A Audácia, a Presumpção com altos fumos,
 E a Inveja com azèdas pecuínhas,
 Mais teimósas que nunca, e mais vehementes,
 Badalando-lhe n'alma, lhe clamávaõ:

“ *Macedo*, que preguiça he essa tua!

“ Contentas-te da Prédica, e não buscas

“ Na Fama cavalgar como Poeta,

“ Quando podes deitar a barra avante

“ De quantos ategora honráraõ *Lysia*?

“ Eia, accorda-te, *Elmiro*, e da-te pressa:

“ Tragedias, Traducções, Odes, Poemas

“ Escreve, escreve tudo, e gema o Prélo;

“ Verás da tua penna as enchorradas

“ Espantarem Lisboa, como espantaõ

“ As tuas pregações Aldeaõs ouvintes.”

Destas instigações o Heróe movido

Dizía em si “ Se entro a fazer Tragedias

“ Abarróto o Theatro, e morre tudo!

“ Mas se alguns, que não são de comparar-se

“ Comigo no saber, e nos talentos,

“ Tem enchido o Theatro de Obras suas;

“ Se o parvo do *Moniz* compôz a *Irene*

(Que inda eu hei-de dizer que he plagiato)*

E, segundo me dizem, continúa ;

Porque não farei eu trinta Tragedias,

E em cada huma hum pásmo da Plateà ?

Ei-lo com mãos á obra, e eis o Theatro
Tremendo co'as horriveis pateadas

Em que a sua Zaïda lhe enterráraõ!

Bem se devia aquelle tratamento

A tal composiçaõ ; porem *Elmiro*,

Raivoso do successo, e da ignorancia

Dos seus Espectadores blasfemando,

Jurou de lhes fazer cahir o queixo

Outras mil producções mettendo ao Prelo

Em que amostrasse bem a maõ de Mestre.

Impressas correm ja humas *regrinhas*

A que elle chama *Traducções de Horacio* :

* Quando no Theatro da Rua dos Condes se representou a Tragedia—Irene—disse I. A. (e o repetiraõ alguns pexotes) que ella era tirada de outra que escrevera Voltaire com o mesmo titulo : depois, em huma Satyra (das de seu jaez) disse que era tirada do Italiano Conde Jose Gori ; mas al-fim, chamado publicamente á prova e confrontaçãõ, mancou o sabio, e a-Irene-ficou taõ original como na verdade éra.

Mal se conhece o Vate, honra do Thybre,
 Com capa remendada, e embúço ás-câneas
 Engóiado entre phrases deslavadas,
 Ou duros Versos trascalando a Claustro ;
 Ou bem, ao úso original de *Elmiro*,
 Arvezada a tea do discurso ;
 E o que maior escandalo motiva
 Hé o canino, tímido Prefácio,
 Em que, insultando o Mundo, bazofêa
 Ter acabado o que ninguem pudêra ;
 Mas, se a Maledicencia lho hà dictádo,
 O Medo há supprimido o seu segundo
 Tomo de Horacio trasmudado, e chòcho.”

De honròsa intrepidez forrado o peito ;
 Eis n’hum frágil Caique, retalhando
 A verde-negra espalda turbulenta
 Do Athlantico-Oceano, os prigos fôrça,
 E, antes do que ninguem, o ousado Nobre*
 Ao seu saudoso Principe relata

* Manoel de Oliveira Nobre, então Piloto, e hoje Official de
 Marinha.

Do restaurado Reino a grande nova :
Elmiro, por metter bedêho em tudo,
Elmiro quer cantar o exímio arròjo,
 E, em-vez de hum canto, gargantêa hum zurro !*

Mas diz-lhe a Presumpção “ Avante, avante :
 “ A Ignorancia he quem nota os teus escriptos,
 “ E o modo de a punir hé escrevendo.”
 E a teimósa, loquáz Maledicencia
 Recórda-lhe as rezingas de seu Mestre
 C’o Sebástico Mestre Funileiro.
 Para fundar os dignos alicerces
 Da grande óbra que entã se lhe ergue em mente,
 Eis o *Heróe-Pregador* pela Ribeira
 Aprendendo os picantes palavrórios
 Da récua Marujal, e das Pexeiras ;
 E, no sabido Arrieiral pecúlio

* Apontado de insipidos Versos, a que I. A. chamou Poema, e intitulou *O Novo Argonauta* : para se conhecer a insufficiencia da tal Obrinha, bastará saber-se, que tem máo estylo, máo plano, má condução, alguns êrros, e nenhum bom episódio ; e que atese ignoraria quem fosse o Heróe, se o não dissessem as Notas, que pela maior parte são boas, por serem cópiadas de alguns nossos bons Escriptores.

Vascolejando tudo, em bôa dóse
 Ajuntou paradóxos, e sophismas
 A mil erros históricos, e affouto
 Des-andou co'a terrível trovoáda
 Que aos Sebásticos-Crentes dirigia,
 Mas cujo raio reverteo sobre elle.

Este o ponto fatal em que a Fortuna
 Começou de virar contra elle a róda :*
 Amigos, nem do *Exercito da Penha*,
 Porque nem desses conservar sabia ;
 E o publico furor do *Heroe-damninho*
 Escouça-lhe os Freguezes, e ja folga
 Com menos qúnze estafas por semana :
 Mas vaõ-se-lhe estafando as algibeiras,
 E, á mingoa de Sermões, o accordo toma
 De a perda reparar, cançando o Mundo
 Co'a louca multidaõ dos seus escriptos.

* Os Folhetos contra os Sebastianistas são tão grosseiramente scriptos, que revoltáraõ Lisboa inteira, e, sendo-lhe patenteados os seus desvários, especialmente pela—Refutaçaõ Analytica—J. A. desde essa época, pelo seu nescio orgulho, começou a desfazer -se em disparates impressos, desse modo procurando reparar o góthico, e arruinado edificio da sua burlesca fama.

Sangrou-lhe então de-novo a funda chaga
 Do descuido fatal da Lavandeira,
 Que, mettendo em barrella humas cuécas,
 Juntamente metteo hum dos dous Tomos
 Em que escrevêra a Traducção de Stacio :*
 Começa a inundaçãô dos *Solilóquios*,
 Obra de tal saber que encóva os Sabios
 Vel-quasi a-flux, antigos, e modernos ;
 E huma manhaã que os Nortes assopravaõ,
 Em-tanto que os igniferos Ethontes,
 Tirando ao largo o flavo Hyperiónio,
 Com as settas do Deos luci-potente
 Nebulósos vopôres dissipavaõ ;
 Tanto se lhe azougou a cachimónia
 Que, bem como Sileno com tres dornas,
 Começou a ver cousas que não vîra
 Se, tal qual Deos lho deo, fôra em seu siso !
 Vio, e pasmou ! que á banda do Occidente

* I. A. queixa-se de que se lhe extraviou hum dos Volumes manuscriptos com a sua Traducção da Thebaida, a que Bocage chamou.

Pelo Ceo inda meio encapotado,
 Mais do que a Estrella Eóa radióso
 Luci-trémulos Phósforos brilhávaõ!
 Vio Torres, vio Castellos, Ventoïnas,
 Mágicas Circes, Mágicas Medéas,
 Mágicas Avantesmas tremebundas
 Capazes de espantar qualquer Quixote!
 E, depois de ver cousas nunca vistas,
 Sobre hum Livro de Oítavo, escarranchado
 Nos alti-baixos lombos de hum Corcunda,
 Leo em letras maiúsculas composta
 Esta palavra Gama! Azaranzado
 Arréda anciòso a vista, esfrega os ólhos,
 A seu Mentor devóto se encomenda,
 Torna a affirmar-se na visaç, e nóta
 Que as nuvens em que vira este embréçado
 A-prumo ao *Caihariz* hiaõ correndo!
 “ He prodigio, he prodigio que me chama,
 “ Ordenando que imprima o meu Poema:
 “ (Ledo exclamava) aquelle mesmo he o sítio
 “ Onde móra o Corcunda meu Livreiro,
 “ Elle mo ha-de imprimir. Que ralhe o Mundo;

“ Mas tanto admirará minha ousadia,
 “ Quanto os meus *Gami-Epicos* talentos,
 “ Meu profundo saber, e o meu bom siso.
 “ Derribarei Camões, *Estátua velha*,*
 “ Vil objecto da Lusa idolatria ;
 “ E, em chegando sobre elle a erguer meu Nome,
 “ Posso affouto estampar mil *Solilóquios*,
 “ *Segredos revelados*, e escondidos,
 “ *Cartas a Mendes*, Cartas do que eu queira,†
 “ Pois que não ha-de o Mundo os seus suffragios
 “ Negar a hum Vate de taõ grande cúnho.
 “ O meu Poema está perfeito em tudo :
 “ Canto huma Acção completa, e acabada :‡
 “ Não tenho que emendar ; Poema á Imprensa.”

Assim pensava quando de luneta
 Pelo çujo cubiculo lhe entrava
 A Adulação, mui nédea e mui risonha,
 Na figura de hum Homem baixo, e rolho,
 Alvar na côr, louraça na cabeça,

* Phrase de I. A. em seus Soliloquios.

† Louca multidaõ de seus Folhetos.

‡ Assim o diz na Prefacção ao seu *Gama*.

Olhos que chamaõ de Carneiro morto,
 Nariz com presumpçãõ de Papagayo,
 Bocca de Arraija, dentes Cebolla,
 Queixada cavallar muito carnúda,
 E em tudo irmão no gesto e nas maneiras
 Do *Manteigueiro Lopes*, Varaõ douto*
 Azádo a fazer O'des de Manteiga,
 Inimigo mortal do Camoes velho
 Mas grande admirador do *Vate Ex-Frade* ;
 E, proposta a impressãõ, começa logo :
 “ Há muito que, se Vossa Sapiencia

* *J. J. P. Lopes* teve fumos de Letrado sendo ainda Caixeiro de huma Loja de Merceria, e aspirou ás honras de Redactor da magra *Gazeta de Lisboa*, sendo-o ainda entãõ o Dr. Soares : depois de huns poucos de annos de empenhos, e bajulações ; e sujeitando-se a receber menos alguns trinta reis de ordenado &c. &c. conseguiu tomar a empreitada, ajoujado á surrelfa com I. A. de *Macedo*, e a desempenhaõ com a dignidade conveniente a taõ grandes dous Sabios ! Demais disto, tem publicado varias Odes que fazem ódio ! Foi Sócio de I. A. na redacção do miseravel Papezinho *Semanario de instrucção e recreio*, que morreo de garrote, deixando a seus Auctores a mágoa do inutil desembolso de alguns coádos vintens : e finalmente, para em tudo se mostrar digno de seu Pedagogo I. A. de *Macedo*, tem feito ridiculissimos appendices, ou adminículos a alguns de seus ridiculos Folhetos.

- “ Meus sinceros conselhos escutasse,
 “ Teria dado ao Mundo esse regalo :
 “ Que cousa mais formósa que hum Poema
 “ Feito pingue, de assumpto taõ esteril
 “ Que, *posto seja grande em Geographia,*
 “ *Navegaçõ, Commercio, Astronomia,*
 “ *E sobre tudo Historia, he mui pequeno,*
 “ *He minimo em Poesià ?* Ou que altos feitos*
 “ Merecem mais louvor que o nobre arrojo
 “ De arrostar sobre as azas do Estro ardente
 “ A opiniaõ geral do Mundo inteiro ?
 “ Camoes era admirado, e o *novo Gama*
 “ Vai dar a conhecer que elle era hum asno !
 “ O seu Heróe éra hum Heróe deveras,
 “ Pois que por sonhos fez a graõ viagem,
 “ E estirou o Timoja de hum só talho ! †

* Este he propriamente o longuissimo arrazoado de I. A. na Prefaçãõ ao seu *Gama*. Ora como poderá conceber-se que hum assumpto, por tantos motivos grande, seja *mínimo em Poesia !* Concêbe-o I. A. mais o seu *Lopes*.

* I. A. altera a verdade sabida da Historia, finge o Gama entrado em combate, e o Timoja morto ás suas maõs ; apontoando, sobre as outras, mais esta incoherencia no character do Gama, sem se lem-

- “ Verdade he que se diz que o tal Pirata,
 “ Sendo mui de proveito aos Portuguezes,
 ‘ Largos annos viveo depois que o Gama
 “ Partio de Calecut : mas que tem isso ?
 “ He licença Poetica, e tão bella
 “ Quão grande o talho foi que deo o Gama !
 “ O seu Maravilhoso he tal, e tanto
 “ Que ate do Senegal muda as correntes !*
 “ Na phantástica Ilha do Diabo
 “ Lá está Estátua que ao Brazil aponta !†
 “ Falla a Asia, S. Thomé, o Infante, e o Anjo,

brar de que elle devia assimilhar-se a Ulysses, a Eneas ou a Gofredo, e não a Achilles, a Cesar, ou a Henrique 4º ou J. A. em nenhum bom sentido sabe que cousa seja verdadeiro character. Veja-se a Nota (10) ao Canto 6º.

* I. A. faz o Rio Senegal (ou Canagá) alem da Linha, quando aliás este Rio sepára os Mouros Azenégues dos Negros Geldòfos da Costa de Guiné.

† Aprimeira Terra a que I. A. dá aportado o Gama he huma Ilha deserta (mentira inutil) e alli apresenta huma Estatua apontando para o Brazil, com huma inscripção Grega, dizendo, que cedo os Portuguezes o haõ-de descobrir : isto he hum plagiato do Poema intitulado—Caramurú—alem de ser huma idea que se não casa com a acção do Gama, e de com ella acarretar largos disparates.

- “ E entra tudo no Templo da Memoria !*
 “ Episódios ninguem os tem melhores :
 “ Que elegancia, que força, e magestade
 “ No Guerreiro Africano, e no bom Velho
 “ *Meneando com emphase a cabeça !†*
 “ Que divino furor no Sacerdote !‡
 “ O enterro do de Encógi causa espanto !
 “ Os tres Pretos as carnes arripiaõ :
 “ Pois Ignez ? Ate faz chorar as pedras !§

* A Asia mostra em sonhos a El Rei D. Manoel o Templo da Memoria, o Infante D. Henrique leva alli o Gama &c. &c.

† Este Verso he do 2º Canto do Gama de I. A. que, desdenhando Camões, e buscando sempre, e sempre, em vaõ, imitallo ; por lhe lembrar a bella prosopopéa do 4º Canto da Lusitada, apresentou tambem hum Velho declamando contra a empreza do descobrimento da India, de ajoujo com hum Guerreiro, e com a *emphase*, e o descuco de I. A.

‡ Foi hum tal que, no momento do embarque dos nossos illustres Aventureiros, tomado do furor prophetico, vio *os extremos Chins humilhados aos raios do Tejo*, e outros diparates desta laya.

§ A respeito desta Ignez vejaõ-se as Notas (6) e (7) ao Canto 6º O caso dos tres Pretos vem a ser: que dous Pretos amavaõ huma Pretinha ; e, como não podiaõ ambos igualmente possuilla, e nenhum tinha animo de perder a jóia, concertáraõ entre si matar-se, e matalla, e a Cachorra esteve por isso : demais-a-mais, a historia foi contada por hum dos Negros Amantes, ja quando arreganhava o dente com as

“ E quem será taõ bruto que não pasme
 “ Do maravilhosissimo Episódio,
 “ De-propósito escripto por contraste
 “ Do Gigante do Cabo das Tormentas ;
 “ Quando o Genio da bruta Idolatria
 “ Com seus clamores espaventa o Globo,
 “ E anda Vasco da Gama abaixo-e-acima
 “ Luctando sem refúgio, nem governo
 “ No cego horror de estranha tempestade ;
 “ Por que o graõ Satanáz, posto nas azas,
 “ A’ viva força da infernal dentuça
 “ Hum rochedo de Jáva cerceára,
 “ Com que aos Mares Austraes quebrado o gelo
 “ Róla expedito, e solto, e destacado,
 “ E vem correndo a revolver os Mares
 “ Por onde entaõ o Gama navegava,

ancias da morte. No Reino de Encógi (onde o Gama não foi) diz I. A. que, assistindo os nossos Descobridores ás exéquias de hum dos Principes do Paiz, cujas Leys ordenávaõ que com o cadaver fossem queimadas seis das mais formosas Donzellas, quasi que excitou huma sedicãõ para obstar ao sacrificio, cobrindo de injúrias e ameaços o Rei que mui bem o hospedára. Eis-aqui como I. A. sabe guardar a conveniencia dos costumes, e caractéres!

- “ Aboyando nas agoas por maneira
 “ *Que os Mares cobrem, cobrem Horisontes*
 “ *De toda a parte os congelados Montes !**
 “ Pois, se devo fallar dos caractéres,
 “ Vejo que nunca fez nenhum Poéta
 “ Hum Diabo melhor que o seu Diabo ;
 “ E fica Milton a-perder-de-vista,
 “ Que elle em seu Paraíso nunca disse
 “ *De hum eterno Rival desprézo a gloria ! †*
 “ O character do Heróe, esse he chapado !
 “ Nada digo dos mais, porque he bom tudo.
 “ O seu estylo hé sempre igual, e a phrase

* Estes dois Versos são de I. A. no 7º Canto do seu *Gama*, ou de tal, qual eu aqui summariamente o descrevo, se lê hum Episódio, claramente apresentado na-quelle lugar para contrastar o inimitavel Adamastor ; e que, alem de ser o destempero mais garrafal que nunca escreveo nenhum Homem com fumos de Poeta, he sem contradicção o aborto de huma phantasia inteiramente desvairada, e de huma crassissima ignorancia.

† Só o sapientissimo *Poeta Epico*, e *Reverendo-Pregador I. A. de Macedo* pôde conceber que o Diabo despréze a Omnipotencia, o Supremo Saber, e a Gloria do Soberano Architecto do universo ! Mas o Verso he do 3º Canto do seu *Gama*, que formiga em outros que taes.

“ Pode servir de nórma aos que desdenhaô,

“ Como nós, os rançósos Quinhentistas :*

“ E em fim, se o seu Poema tem defeitos,

“ Peor o fez Camões : o meu conselho

“ He de o metter no Prelo ; e só quizera

“ Huma Dedicatória, por maneira

“ Que houvesse na incensada Personagem

“ Contra o rancor geral hum firme escudo.”

“ O Conselho he de Amigo.” Assim dizendo

Deo-lhe a mão, e apertou-lha em despedida,

Pespegando-lhe hum bejo humedecido,

Que dizem lhe aggravára o mal nojôso

Das nunca extinctas áptas que padece.†

Inda aqui, a-pezar dos seus desvios,

Accodio a Fortuna ao *Vate Ex-Frade*,

Que, julgando o Camões ter excedido,

Houvéra presumpção de arrebentallo,

* Quem tiver a mal-empregada pachorra de ler o *Poema Gama*, achará continuada dureza de estylo, e igual em todas as materias; Gallicismos, epithetos mal-apropriados, construcções abstrusas &c.

† I. A. padece na verdade esta molestia ; de maneira que a sua bocca he constantemente como a de hum Caõ damnado, ate pela bába.

Se o discurso do *Lopes* continúa ;
 Como se diz da Raã, porque tentára
 Ter de hum Boi a membrúda corpulencia.
 Mas c'ò contacto do supposto Amigo
 Calou-lhe vivamente pelas vêas,
 E trepou-lhe ao miòlo mui coádo
 O fogo adulator, que se evapóra
 Em mil phrases servîz, nescios louvôres,
 Hypérboles, e phosphoros rythmados.”

*Materia he de Cothurno, e não de Sócco †
 O mais que inda contou do *Ex-Frade* a Fama :

*Aqui minha Calliope te invóco

*Neste trabalho extremo, porque fique ‡
 Em seu hórrido nome horrendo exemplo
 Aos mais que houver o Desaforo eivado.

Já o *E'pico Agostinho* muito ufano,
 Posta a prôa na Loja do Corcunda,
 Partia da *Bombarda* a pannos soltos,
 Quando huma Grálha (miserando agouro !)

† Cam. Lus. C. 10º. Est. 8º.

‡ Cam. Ib.

Negramente grasnando, as azas bate,
 E, o caminho do Vate atravessando,
 C'o estrondo de quem soffre dysentéria,
 Ou de quem do vazão expélle os ventos,
 Da-lhe huma correntia talhadura
 Toda empregada no alto da cabeça :
 Mas *este Heróe Cambayo* não encontra
 Outro Melique-yáz que o des-aggrave ;*
 E, c'o furor do agouro, levantando
 Muito rijo a trotar quasi hum galópe,
 Na *Loja do Corcunda* entrou suádo,
 Como hum Macho de Pósta, que na múda
 Está dando aos ilhaes, co'as mãos d'espéque.
 Senaõ-quando eis-que salta hum Gato negro

* Estando em campanha El Rei de Cambaya, ao Sahir hum dia da sua Tenda, hum Milhano lhe deo huma talhadura na cabeça, do que elle ficou mui sentido, por ser (como todos os Indianos) mui crente em agouros : Melique-yáz, seu Escravo, que por acaso estava presente, e éra excellente atirador de flecha, atezou o arco, e derribou a Ave sacrilega ; e de entaõ começou a sua fortuna, por maneira que éra hum ricco Potentado, e senhor da memoravel Praça de Diu ao tempo das nossas primeiras conquistas no Oriente.

(O mesmo negro Gato desattento
 Que ja lhe espatifou dezoito empadas)*
 E, ao tempo quando o Epico sacáva
 Da erudita algibeira o graõ Poema,
 Furioso empregando a léve garra,
 Rasgou-lhe algumas folhas, e partio-se
 Com música infernal em sons tremidos
 Deixando estupefactos, e aturdidos
 O Poéta, e o Lunático-Livreiro.”

Oh ! que fizeste Tu, maldita Gralha,
 Sobre os sagrados *cascos-Agostinhos*
 Chorreando as trazeiras immundícies !
 O que fizeste Tu, Gato maldito,
 Dilacerando a Obra mais pasmósa
 De quantas em máos Versos se tem visto !
 Qual c’o famoso Almeida em outras E’ras
 O máo Rei de Quiloa, assim c’o *Ex-Frade*†

* Estando J. A. na *Loja do Corcunda* a comer humas empadas com hum seu Satellite, entrou outro, trazendo hum Soneto em que se lhe fazia alguma justiça : J. A. ergueo se a blasfemar, e no em tanto o *Gato do Corcunda* mamou-lhe as empadas.

† El Rei de Quiloa deferio a sua conferencia com o nosso illustre Vice-Rei D Francisco de Almeida, dando por causal, que, ao tem-

O Corcunda, do agourò amedrontado,
 Duvêda contractar ; e mais ainda
 Porque ao justo naquella propria hóra
 Entráva a Lúa em Quarto-mingoante,
 Agourando que á mingoa de Leitores
 Morreria de Tráça o tal Poema.*

De taõ tôrpes fracassos combatido
 O Heróe entristeceo, vendo mui claro
 Des-andar-lhe a Fortuna ; e ja naõ dava
 Trinta reis pelos lucros de huma Obra
 Que tinha trabalhado em tantos annos,
 Com tanta perfeiçaõ ! Porem, calando
 Toda a mágoa e temor, como se fôra
 Mui segúro de si, rompeo profuso
 Contra os nescios agouros declamando ;
 Naõ c'o vigor sublime com que out'róra
 Demósthènes a Grecia revolvía,

po em que para ella se dispunha atravessara hum Gato negro
 cousa entre elles de mui funesto agouro. *Barros. Dec. 1ª*

* O miseravel Livreiro, que he Lunático em toda a força do voca-
 bulo, foi-lhe esta vez fiel a inania dos agouros, porque saõ passa-
 dos tres annos, e aindagora se queixa de que naõ tirou a despeza da
 impressaõ do *Gama*.

Contra Filippe ás armas convocando ;
 Nem co'a flórida pompa com que Tullio
 Defende Róscio, ou Catilina accúsa ;
 Mas co'aquelle furor, e vóz de ferro
 Com que insano troveja, e não commove ;*
 Co'a monótona, e rouca vozeria
 Com que úsa atordoár o Povo rúde,
 Quando vai no exercicio accostumado
 Do Sacro Ministerio, que envilece,
 Dizendo o que não sabe, e o que não sente,
 Phraseando a-èsmo, e bracejando á-toâ,
 Com rúbido furor Fradi-fremente,
 Falho em doutrina, nauzear Lisbôa.

Qual se ouvira huma grande trovoada,
 O misero *Corcunda* estupefacto
 Escúta o Pregador, que berra, e stúa,
 Descompassado o gesto, a cor perdida,
 Dos olhos flammejando, e furioso

* Na ja citada Satyra lhe disse Bocage :
 Trovejas, enrouqueces, não commoves,
 Gelas a contraçãõ no centro d'alma.

Como a Sibylla oraculos abrindo !
 Dos berros, mais que das razoens, movido,
 Na falsa expectaçã de largos lucros,
 Ja elle expõe á venda *O Novo Gama*:
 Nos cascaveis da rythma embasbacando
 Applaudio a Ignorancia o novo Livro ;
 Mas, apenas o Monstro erguêo no Typo
 A orgulhosa cabeça mal-composta,
 Todo o Castàlio Choro espavorido,
 Co'as mãos tapando os ólhos, e os ouvidos,
 *Fugio tremendo ; e Apollo de torvado
 *Hum pouco a luz perdeo como enfiado ! †
 A tranquilla, e segúra Sapiencia,
 Posto que ver de *Elmiro* não cuidasse
 Obra que á perfeiçã se aproximasse,
 Não quiz julgar sem ler ; e entãõ, tomada
 Da justa indignaçã a que provóca
 Nua de todo o mérito a Vaidade,
 Trovejou sobre *Elmiro* estas sentenças :
 “ Se, na idade arrojada, e vigorósa

† Cam. Lus. C. 1º. Est. 37ª.

“ Em que o divino fogo aquéce a mente,
 “ E os proveitos do estudo em obras brilhaõ,
 “ Nenhuma deo que o gêlo não crestasse,
 “ E da Ignorancia os sêllos não trouxesse;
 “ Como havia compôr hum bom Poema
 “ O Auctor que com déz lustros ja pezada
 “ Tem de cans a cabeça povoada?
 “ Se de terreno máo não vem bom fructo,
 “ Como faria *Elmiro* hum’obra boa?
 “ E o rouco *Pregador*, que inda não déra
 “ Huma Peça-Oratória em si perfeita,
 “ Como havia compôr huma Epopéa
 “ Que Homero, ou que Virgilio sombreasse,
 “ Ou que ao grande Camões se assimilhasse?
 “ *Podem-se pôr em longo esquecimento †
 “ Quantos Epicos-Monstros abortáraõ
 “ De vacúas fontes, plagiárias plúmas,
 “ Que este indigesto aborto *O Novo Gama*
 “ He a prova real do muito que ousaõ
 “ A Fatuidade, o Orgúlho, e o Pedantismo!
 “ Por fortuna da gente que distingue

† Cam. Lus. C. 4º. Est. 6ª.

“ Bom, e máo, e peor, pessimo, e infame,
 “ Do infame *Elmiro* o pessimo Poema,
 “ Nas azas da indiscreta Novidade
 “ Correrá pouco tempo em terra pouco ;
 “ E cedo na memoria ha-de apagar-se
 “ De seus Cantos o som desentoadado,
 “ Ficando de desprezo, e pó coberto
 “ O Livro cujo Auctor merece oppróbrios :
 “ Apontado será o *Auctor do Gama*
 “ Bem como os criminósos com ferrete,
 “ E as muito poucas vezes que for lido
 “ Será para excitar ou raiva, ou somno.”

Dicto isto, e arrójando desdenhósa
 O *Elmírico-Poema-Narrativo*,
 De novo na Lusitada foi vendo
 Do disforme Gigante o gesto horrendo.

O'Numes, eo prognóstico terrível
 Todo se vai tornando em realidade ;
 Pois, mal que de huma esquina assoma *Elmiro*
 (Urso no gesto, e Phariseu no rosto ;
 Qual Touro em praça, cabiz-baixo olhando
 Desconfiado a turba que o rodea ;

E, somente modesto pelo traje,
 Com chapéo de tres-ventos assentando
 As grisalhas melenas, estendidas
 No roliço cachaço) o Povo rindo
 Logo todo murmura “ Olha o *Ex-Frade*,
 “ Olha o *Camões da Rúa da Bombarda*,
 “ Que dá por páos, e pedras, escrevendo
 “ Obrinhas que costumaõ nos Leitores
 “ O effeito produzir das dormideiras !”
 Mas de todo este cómico progresso
 Alegre o Desaforo, e vangloriòso
 Por ver o Alumno seu trepar taõ alto,
 Inda espera mettello em novas scenas,
 Porque diz que aos malignos impostores
 Nunca faltaõ estúpidos Mecenas ;
 E desta sua esp’rança os fundamentos
 Naõ saõ lançados a sabôr dos ventos.

No Paiz extensissimo que corta
 De ponta a ponta extrema os Mundos todos,
 Dos Reinos da Philaucia o Norte assopra,
 E assopra o sul dos Reinos da Mentira :
 Entre estes dous, com ambos confinando,

Tem a Lisonja amplissimos Estados,
 Cujo mal-firme chaõ he todo fúmo,
 E cujo Ceo he todo Meteóros :
 N'hum alto vari-fúlgido Castello,
 De plumas de Pavaõ architectado,
 Com tectos dos que Arachne erguer costúma,
 Colúmnas das que o Mar nas praias deixa
 Depois que róla, e bate, e brama, e foge ;
 Alli, muito donósa, e recostada
 Sobre coxins de empôlas saponáceas,
 Mora a Nescia-Invençaõ, que se accredita
 Das tres Rainhas Defensor-Ministro ;
 E incansavel dalli, quasi em chuveiro
 De falsa luz mil settas despedindo,
 Arèa mil cabeças, produzindo
Bávios, e Mévios, Zoilos, e Macedos :
 A retaguarda, e flancos lhe resguardaõ,
 Perpétuas, vigilantes Sentinellas,
 A convulsa espantada Turbulencia,
 A Malicia c'os olhos sempre baixos,
 E para o-Ceo com elles sempre erguidos
 A pallida traidora Hypocrisia,

Que inda mais sangue fáz que a Tyrannia!
 Os estúpidos Pasmos que a cortejaõ,
 Correios seus, trombeteando os vivas,
 Do grande Ministerio Invencioneiro
 As ordens levaõ pelo Mundo inteiro :
 Dalli voando o intempestivo Applauso,
 Com benigno rumor de áura suave,
 Os ouvidos affaga ao impio, ao nescio
 Que mais nos erros seus dest'arte arraiga ;
 E dalli desce o influxo aos vaõs Artistas
 Que aviltaõ suas Artes, dedicandõ,
 Aos indignos de honrar-se honrósos quadros
 Com lustre de emblemáticos labores.
 Quando na infancia de seu nobre Alúmno
 Astúto o Desaforo e diligente
 Curáva de influir-lhe as artes suas,
 Alli foi demandar, e obteve auxilio ;
 E, quaes, se n'huma dórna o mosto ferve,
 Ténues insectos em tenáz cardume
 Zùnbem, chupando as rúbras aduéllas ;
 Taes, da Nescia-Invençaõ a hum lève acêno,
 Falsidades, Basõfias, Destemperos,

Túrbido enxame, com ferraõ maligno
 Foraõ chupar nos testos de *Macedo*
 Alguns ráros barruntos de bom-siso :
 Vendo depois com gaudio o Desaforo
 Fructos de seu ensino em obras delle ;
 Vendo o *Poema Gama* expòsto ao Mundo,
 E o Mundo todo a escarnecer do *Gama*,
 Novo auxilio pe lio ; ligeiro e lèdo
 O Sátrapa ideal, convindo em tudo,
 Deo em forma de agouro este protesto :
 “ Posto que nos escriptos de *Macedo*
 “ Ande sua alma negramente impressa,
 “ Como hum timbre qualq'uer tirado a-fumo,
 “ Naõ basta, e dève todo o Mundo ver-lhe
 “ No atróz semblante ressumando os crimes ;
 “ Assim será : mostrando as pháses todas
 “ Sobre huma correraõ quarenta Lúas,*
 “ E entaõ, em *Oriente* refundido,

* O *Poema Goma* foi publicado em Setembro de 1811, e o *Oriente*, ou *Gama refundido*, e acrescentado com dous Cantos, demais em todo o sentido, publicou-se em Março de 1815.

- “ Verás o *Gama*, em guinchos mais crescido,
 “ Encher com seu louvor mêm *Gazeta* !*
 “ Verás hum Pintor-Cócles, mui devoto †
 “ Das sapientes *Elmiricas-façanhas*,
 “ Por-lhe a-óleo ò caraõ, affeçoado
 “ Inda que com favor, assimilhado ;
 “ E c’hum Livro nas mãos, como em memoria
 “ Dos muitos que roubou : verás *Manteiga* ‡
 “ Com tardonho buril passallo a cobre ;
 “ *Macedo* punirá esta tardança ; §
 “ E, a seu pedido, como proprio emblema
-

* *A magra Gazeta de Lisboa* de 24 de Fevereiro, annunciando o *Poema Oriente*, chamou-lhe, a fora outras alcunhas, *Maravilhosa producção do Genio, onde brilhao magistralmente desempenhadas as difficilimas regas do Poema Epico* &c. &c.

† H. I. da Silva : cego de hum olho, e que para tal obra o deveria ser de ambos.

‡ D. I. da Silva, por antonomásia o *Manteiga* : e logo foraõ dous Silvas que reproduziraõ aquella ricca *Amóra* !

§ O miseravel, ainda que alias habil Gravador, succedeo-lhe hum precalço com que perdeo a primeira chapa, e teve por isso de retardar a óbra ; mas por esse retardamento lhe dirigio I. A. huma carta em que o punha á viola.

“ Dos crimes que escrevendo commettera
 “ (Hum tempo Sycophanta, e Zoilo agora)
 “ Ornar-lhe-há o baixo do Retrato infando
 “ Huma penna de ferro, negrejando
 “ Por entre lusco-e-fúsko, ou lúz do Inferno :*
 “ Nos Tórculos depois multiplicado,
 “ De seu fusco-Oriente-gatunado †
 “ Enfeitará luxósos frontispicios,
 “ Qual de hum Mestre de sebo, e de polvilhos
 “ Em besuntado páo meã cabeça
 “ Com chorína, ou riçado a porta ad’reça :
 “ Verás que em vil, torpissima linguagem
 “ Comporá outra métrica-salsáda
 “ Que chamará Poema, ou *Burricada*,

* I. A. mal-contente de que o seu devóto Pintor-Cocles o retratasse para correr Mundo no frontispicio do seu Livro ; esquecendo-lhe de o por a escrever, pediu que na gravura se lhe ajuntasse huma penna. “ Porem como ? (lhe perguntou o-Gravador).” Seja como for, eu quero abi huma penna (respondeo J. A.) então o pobre *Manteiga*, receando a lingua do retratado, lembrou-se de metter (a penna) em hum globo de luz, tirando assim apparentemente das trevas o Figuraõ gravado.

“ Desafortado abôrto em que injurie
 “ *Velhos, e Moços, Donas, e Donzellas, †
 “ Classes, Congregações, Nações inteiras;
 “ Afora outras obrinhas mais miúdas
 “ Dignas de seu Auctor, como elle infames.”

Assim contáva a Fama : e a Liberdade,
 Co'a Razaõ eo Bom -Gosto praticando,
 Dest'arte conclûo “ Somos vingados :
 “ Se deste Luso escandalo entre os Lusos
 “ A nescia-protecçaõ tólhe a vingança ;
 “ No ditoso Paiz onde eu domino,
 “ Na fausta Graõ-Bretanha eu vos prometto

† Na Livraria Graciana havia manuscripto hum antigo Poema com o titulo de—Oriente Gonquistado—desappareceo, e presume se que J. A. lhe deo o caminha que dera a alguns Livros desta sossitaria, que dizimon, como a de Enxobregas, e as outras ja citadas; e talvez deste seja roubado o muito pouco bom que apparece em seu Poema.

† Cam. Lus. C. 7º. Est. 49ª.

* Impossivel pareceo; mas nao he ficcao poetica, he huma escandalosa verdade.

* Veja-se a Ode 8ª do L. 2º de Horacio.

† Tudo isto saõ verdades.

- “ Que os raios-Typográphicos se accendaõ,
 “ E corraõ Plaga e Plaga incendiados
 “ Co’as cinzas do ridiculo cobrindo,
 “ Dos outros Córvos para espanto e medo,
 “ O nome do *Novo-Epico-Macedo*.

— *Alhe* — 1440 —

FIM.





